

MOÇAMBIQUE

## “A liberdade faz-se com o coração”, diz Óscar Monteiro

Monteiro estudou Direito em Portugal e agiu pela FRELIMO na clandestinidade. Representou o movimento na Argélia, participou nas negociações dos Acordos de Lusaka e integrou o Governo de transição em Moçambique.



Quando o jovem Óscar foi estudar Direito para Coimbra, levava consigo as vivências de um indiano de origem goesa num Moçambique colonial. Mas o seu olhar para o que era o colonialismo, esse olhar era ainda incompleto, lembra.

Foram os seus tempos de estudante que contribuíram para fortalecer a sua trajetória nacionalista, através da troca de ideias com outros jovens. Naquela altura, a camada estudantil daquela universidade portuguesa desenvolvia uma consciência contestatária em relação ao regime fascista instalado em Portugal.

**DW África:** Em 1963 passa a ser militante da FRELIMO. Como se deu esse desenvolvimento?

**Óscar Monteiro (OM):** Nessa altura, já tinha começado a guerra colonial, em 1961, e quem estava em idade militar, que era o meu caso, já não obtinha passaportes. Mas havia uma oportunidade única que era a da viagem de estudo do fim de curso. Estava no quinto ano de Direito e quem pedia os passaportes era a universidade e a PIDE [Polícia Internacional e de Defesa do Estado] nunca recusava. Era uma espécie de falha do sistema. Davam até um passaporte muito simples, uma folha.

E quando eu regresso da viagem que nos levou até à Dinamarca, já tenho uma mensagem de Marcelino dos Santos que me entregou Paulo Jorge – que foi um grande dirigente do MPLA [Movimento Popular de Libertação de Angola] – dizendo-me: “vais organizar a célula da FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique] em Portugal e vais colaborar com duas pessoas, uma de Angola chamada Zefu – Álvaro Santos era o nome dele – e outro do PAIGC [Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde] que é o Jorge Querido e vocês vão montar uma rede dos três estudantes das colónias.” É assim que eu entro na FRELIMO.

Ouçã a entrevista a Óscar Monteiro

DW África: Como foi viver

e agir na clandestinidade?

OM: Bom. primeira coisa, nós não tínhamos experiência. Nós tínhamos colegas portugueses com experiência que vinham do Partido Comunista e de outras formas menos legais de outros partidos.

Um bocado mais tarde, eu recebi um código e instruções de como fazer tinta simpática. Recordo-me que metia vinagre, limão e que depois se lia com calor à luz da vela. Então, essas foram as únicas instruções que recebemos. O resto foi connosco.

Sabíamos que as células se organizavam de uma forma triangular, cada um devia ter duas pessoas com quem trabalhava e outros dois também para que, no caso de a polícia nos capturar, limitar a captura. O nosso trabalho era parte clandestino parte semi-legal ou legal mesmo.

A parte legal, vou começar por essa, era na Casa dos Estudantes do Império, encorajando essa associação, apoiando, participando, editando livros. A parte clandestina foi editar, em colaboração com um colega de liceu daqui de, na altura, Lourenço Marques, Álvaro Mateus, que tinha decidido passar para o Partido Comunista e ser trabalhador clandestino, foi editar um jornal que se chamava "Anti-Colonial" e para o qual nós contribuíamos com notícias e eles contribuam com a edição: eles tinham impressoras, papel bíblia e foi uma maneira de nos dirigirmos a um público mais vasto em Portugal e também nas colónias.

DW África: Devido à sua atividade na clandestinidade, teve de deixar Portugal. E passou os anos seguintes entre França, Itália, Tanzânia, Argélia. Na Argélia, foi representante da FRELIMO, recebeu treino militar, fez trabalho político e, quando o tempo lho permitia, ia às aulas na universidade e pôde terminar o curso de Direito. Lá, na Argélia, juntaram-se grupos nacionalistas não só de Moçambique, mas também de outros países africanos. Mas também apareceu um grupo da oposição portuguesa. Como foi isso?

OM: A Argélia tinha ganho a independência depois de uma dura luta de 1954 a 1962 e considerava seu dever apoiar os movimentos de libertação. O primeiro grupo de guerrilheiros, 250, que começaram a luta de libertação em Moçambique, foram treinados na Argélia e o meu papel foi integrar-me nesse processo. Então, tudo isso foram experiências que fomos acumulando e neste processo de África, nós também entramos em contacto mais amplo com a oposição portuguesa que também viveu este processo, creio eu, de movimento africano, das independências africanas. Eu acho que essa foi uma ocasião muito boa de definir o que é a liberdade e o que é a solidariedade e o que é a causa e o que são as pessoas.



Encontro da primeira delegação da FRELIMO em Dar-es-Salaam, Tanzânia. À mesa: Joaquim Chissano, Samora Machel e Óscar Monteiro (da esq.)

**DW África:** Nesses anos também passou temporadas no campo de preparação político-militar de Nachingwea, na Tanzânia. Foi lá que conheceu Samora Machel... Como foi esse primeiro encontro?

**OM:** Quando sou nomeado representante [da FRELIMO], eu recebo a informação de que: “tens de vir para aqui e vais treinar”. Eu achei um bocado estranho: “mas o que é que tem a ver o treino com a função de representante no exterior?”. E afinal tem tudo a ver.

Então, eu estou a treinar como um soldado simples e aprendi logo as regras – que soldados simples comportam-se como soldados simples – e um dia vou com a minha lata de petróleo apanhar água – a gente usava umas latas de petróleo em paralelepípedo, grandes para lavar as armas que chegavam e cada um de nós conseguia obter uma lata para si, ou partilhava com alguém, com um pau no meio, e era preciso ir a uma fonte apanhar água e levava bastante tempo – então, quando eu vou fazer isso, eu vejo de longe o Samora [Machel] e o [Joaquim] Chissano – o Chissano eu já conhecia, porque tínhamos sido colegas no liceu – eles acabavam de vir do interior e o Chissano viu-me de longe e disse: “Óscar, anda cá!”.

Então, eu aproximei-me e o que é que o Samora estava a fazer nessa altura? Estava a inspecionar latrinas que estavam a ser construídas. E eu, enquanto era apresentado, estava admirado. Afinal, eu estava à espera de um Samora numa sala cheia de mapas, a fazer planos e está aqui a inspecionar latrinas?

Eu creio que até lhe perguntei, quando já tínhamos confiança: “desculpe, camarada Samora, estava ali a inspecionar latrinas?” E ele disse: “sabes, a higiene é uma das coisas mais importantes. Nas casas-de-banho tens de criar condições para que as pessoas se preservem e se respeitem. Porque é lá que tu estás mais exposto. Tiras toda a roupa.” Portanto, é desta forma muito simples, e à primeira vista banal, que me leva a conhecer Samora.

**DW África:** Entretanto, foi nomeado secretário adjunto das relações exteriores da FRELIMO. A sede das relações exteriores passou para Nachingwea e lá continuou a dar preparação política aos combatentes. O que era importante ensinar a um guerrilheiro?



**OM:** A coisa mais importante era as pessoas compreenderem a guerrilha como nós a praticámos. Era sobretudo um ato consciente de destruição de um sistema de operação. Não era tanto a ação militar, mas a consciência que ditava o que se ia fazer. Então, este processo tinha duas fases: uma, que a gente chamava de narração de sofrimentos: você contar o que tinha vivido e nesse contar iam sair todos os sofrimentos, todas as ofensas, todas as humilhações. Mas uma vez libertado das marcas de sofrimento já deixava de ser motivado por ódios, já era um homem livre. que lutava pela liberdade. De contrário, faria uma luta de ódio, de vingança.

Segundo, e isso depois era a parte em que se insistia constantemente: a unidade nacional. Se a nossa causa era justa, porque é que durante tanto tempo nós não tínhamos conseguido vencer? Então, a ideia de que temos que nos unir para vencer o colonialismo era a ideia fundamental. É evidente que também havia tensões, incompreensões. Até havia tensões, porque certa palavra numa língua tinha um conteúdo muito negativo e às vezes isso levava a que houvesse pequenos conflitos. Então era preciso que você se habituasse ao outro, a falar com o outro.

**DW África:** Era em Nachingwea que estava no dia 25 de abril de 1974. Como recebeu a notícia da Revolução dos Cravos em Portugal?

OM: Eu estava a dar aulas na escola do partido, uma escola que tínhamos criado em 1973, a dar aulas sobre a política exterior da FRELIMO. E no intervalo nós ouvíamos a rádio e eu ouço a Radio France Internationale a dizer: “coup d'état au Portugal” [golpe de estado em Portugal] e depois a dizer “cette fois c'est pour de bon”, isto é, desta vez é a sério. Isto seria 9:30 da manhã e, entre nós professores, que éramos quadros, secretários, secretários-adjuntos do Comité Central, perguntámos: “o que é que vamos fazer?” Dissemos: “a luta tem que continuar. Vamos continuar a dar aulas.”



Samora Machel e Mário Soares nas negociações em Lusaka, na presença do então Presidente da Zâmbia, Kenneth Kaunda

**DW África:** Depois do 25 de Abril, teve um papel de destaque nas negociações com as autoridades de Lisboa no âmbito dos Acordos de Lusaka que culminaram com a sua assinatura em setembro de 1974. Como decorreram as negociações?

OM: As negociações decorreram em várias fases. Logo nos primeiros dias de maio, recebemos um telegrama de Mário Soares, então já ministro dos Negócios Estrangeiros, propondo conversações em qualquer parte da Europa para discutirmos. E nós dissemos: “sim, senhor, estamos prontos”.

Marcámos o primeiro encontro para o princípio de junho e dissemos: “as questões de África devem ser discutidas em África”. E propusemos Lusaka.

Nessas primeiras conversações, a delegação portuguesa tinha um único mandato que era pedir um cessar-fogo. Então, nós dissemos: “nós estamos de acordo com o cessar-fogo naturalmente. Não somos guerreiros profissionais. Mas o cessar-fogo tem que ter algum acordo de princípio. Não é preciso implementar a independência já. Podemos ter um período de transição. Mas é preciso que concordemos com os princípios”.

A questão importante foi o reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação – e agora vou usar a linguagem da época – “com todas as consequências, incluindo a independência”. E aí nós fizemos finca-pé. Até ao momento em que assinámos um memorando, em que estes princípios estavam estabelecidos e a transmissão do poder à FRELIMO como representante do povo moçambicano.

**DW África:** Hoje viaja por Moçambique para contar aos jovens como é que se faz a liberdade. Afinal, como é que se faz a liberdade?

OM: A liberdade faz-se com o coração. Amar as pessoas, amar, respeitar, desejar o bem dos outros, se não acima pelo menos tanto quanto desejamos o bem dos nossos. Faz-se também aceitando estar em minoria, aceitando não seguir a corrente dominante e aceitando ter coragem e aceitar as suas consequências.

#### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

» “Não há nada que apareça sem sacrifício”, diz Francisco Gimo

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes Militares e

Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos. (08.04.2014)

---

» **Vicente Berenguer Llopis, “o padre branco de coração negro”**

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu. (08.04.2014)

---

» **“Não foi só o homem que libertou Moçambique”, diz Geraldina Mwitú**

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. (08.04.2014)

---

ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

▣ Ouça a entrevista a Óscar Monteiro 

▣ Vídeo da entrevista a Óscar Monteiro (Flash) 

▣ Vídeo da entrevista a Óscar Monteiro (MP4) 

---

**Data** 25.06.2014

**Autoria** Marta Barroso

**Palavras-chave** 40 anos; Revolução dos Cravos; Moçambique; independência; Óscar Monteiro

**Compartilhar**  Enviar  Facebook  Twitter  g+ google+  < Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir**  Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1BdXM>

---

MAIS DA MESMA EDITORIA



**Vicente Berenguer Llopis, “o padre branco de coração negro”** 24.03.2015

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu.



**“Não foi só o homem que libertou Moçambique”, diz Geraldina Mwitú** 18.02.2015

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique.



**“Eu não tenho a minha versão da morte de Mondlane, mas a versão”, diz Sérgio Vieira** 25.06.2014

Responsável por elaborar um relatório sobre as circunstâncias da morte de Eduardo Mondlane, Sérgio Vieira diz ter a versão do assassinato, em 1969, do então presidente da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO.



MOÇAMBIQUE

## “Eu não tenho a minha versão da morte de Mondlane, mas a versão”, diz Sérgio Vieira

Responsável por elaborar um relatório sobre as circunstâncias da morte de Eduardo Mondlane, Sérgio Vieira diz ter a versão do assassinato, em 1969, do então presidente da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO.



Sérgio Vieira foi governador do Banco de Moçambique, ocupou um assento na Assembleia Nacional e chegou a ser ministro da Segurança do país.

Nos finais dos anos 50, quando Sérgio Vieira foi estudar para Portugal, passou, tal como tantos outros que viriam a fazer história, pela Casa dos Estudantes do Império. A Casa era então uma associação de estudantes, provenientes tanto de Portugal continental como das então províncias ultramarinas.

Com a sua fundação, o Governo colonial português pretendia controlar os estudantes e fomentar o sentido colonialista. O objetivo saiu logrado, porque a instituição acabou por ter um papel fundamental para as lutas de independência: tornou-se um espaço de troca de ideias e de fortalecimento dos sentimentos nacionalistas.

**DW África:** Foi na Casa que começou a ter mais consciência do que significava a causa da independência?

**Sérgio Vieira (SV):** Então, esses estudantes iam para lá e quase todos traziam as marcas, as heranças de sofrimento do colonialismo. De modo que era fácil travarmos uma ligação e uma identidade. Aí começou a crescer um ambiente determinado, a Casa tinha publicações, tinha um boletim, que tinha um valor cultural muito grande, tinha uma excelente biblioteca.

Que ela teve um papel muito importante, teve, naquilo que foi o nosso crescimento de pensamento e, inclusivamente, eu diria uma melhor consciencialização daquilo que devia ser o nacionalismo. E é bom lembrar que foi uma época em que se assistiu à independência do Gana em 1956, assistiu-se à crise do Suez, que nos marcou muito, à independência da Guiné-Conacri em 1958, a crise do Congo e o assassinato de Lumumba. Tudo isto nos tocou profundamente. Depois, em fevereiro de 1961, começou a luta armada de libertação nacional nas colónias com Angola com o 4 de fevereiro. De modo que era

este o ambiente que nós vivíamos. Em 1961, então organizámo-nos para fugirmos e houve fugas, eu próprio fugi em dezembro de 1961.



Video da entrevista a Sérgio Vieira (Flash)

**DW África:** Em Portugal fundou juntamente com outros estudantes a União Nacional dos Estudantes Moçambicanos. Como é que a UNEMO operava na altura?

**SV:** Bom, a UNEMO tem uma raiz aqui que era o NESAM, o Núcleo de Estudantes Secundários

Africanos de Moçambique, que foi fundado por Mondlane no princípio dos anos 1940, depois continuou. E em Portugal, naquele momento, estava o último presidente do NESAM, que foi sucedido depois por Armando Guebuza, que era o Joaquim Chissano. E nós discutíamos: “agora como é que fazemos?” Então decidimos fundar a UNEMO e fundámos a UNEMO em finais de 1961/1962.

Fundamentalmente, a UNEMO operava no exterior entre os estudantes moçambicanos. Tínhamos ligações a outras associações de estudantes, a UGA, União Geral dos Estudantes da África Negra Portuguesa. O NESAM esteve aqui até que foi dissolvido. E tínhamos contacto com os nossos amigos, com os nossos companheiros ainda que mais novos.

**DW África:** Costuma dizer-se que, mais ou menos entre 1965 e 1967, a FRELIMO passou por uma crise. Em que consistiu essa crise?

**SV:** A crise começou a ocorrer em 1966/1967, depois 1968/1969 culminou com o assassinato de Mondlane. A crise foi desencadeada por elementos muito ambiciosos, como disse o Comité Central em 1969, uns tinham a ambição política, outros tinham a ambição económica. Havia o grupo da ambição económica e política com o Lázaro Cavandame, Silvério Nungo, Padre Gwengere, Uria Simango, etc.

A coisa chegou-nos ao ponto que, a certo momento, Cavandame veio propor que proclamássemos a independência em Mueda e, depois, iríamos libertando o resto do país. Nós dissemos: “isso é um absurdo, não faz sentido, se nos vamos concentrar em Mueda, o inimigo aniquila-nos!” Mas ele o que queria com isso era assentar a base do poder. “Havemos de proclamar um Governo quando tivermos ganho a guerra. Não vale a pena fazer antes. Porque senão vai desencadear quem é que é ministro disto, quem é que é ministro daquilo, ninguém está preocupado com isso.” E foi um bocado isso.

Depois, decidimos convocar o segundo congresso. Estes elementos reacionários queriam que nós realizássemos o segundo congresso no exterior e nós decidimos fazer no interior e fizemos no interior. E fizemos até na província de Niassa. E o segundo congresso reafirmou as teses fundamentais da FRELIMO, que já vinham do primeiro congresso. Então, rejeitados, desencadearam ações de assassinatos. Foi o Paulo Samuel Kankhomba que foi assassinado e depois assassinaram Mondlane.



Eduardo Chivambo Mondlane (à dir.) foi o primeiro Presidente da FRELIMO. A data da sua morte (3 de fevereiro) é celebrada como o Dia dos Heróis Moçambicanos

**DW África:** Exatamente. Isso aconteceu a 3 de fevereiro de 1969, quando Eduardo Mondlane, então presidente da FRELIMO, foi assassinado, em Dar-es-Salam, na Tanzânia, com uma encomenda que continha uma bomba.

**SV:** Um livro do Plekhanov que foi preparado na Beira por um conhecido facínora, Casimiro Monteiro, que também esteve envolvido no assassinato do general Delgado.

**DW África:** Posteriormente foi incumbido de dirigir uma comissão de inquérito responsável por averiguar as circunstâncias do assassinato de Eduardo Mondlane. No entanto, persistem incongruências entre diferentes versões da morte de Mondlane. Qual é a sua versão?

**SV:** Eu não tenho a minha versão, eu tenho a versão. Houve uma asneira que alguém publicou de que Mondlane tinha sido assassinado no escritório – é mentira, ele não foi assassinado no escritório. Ele recebeu a encomenda quando estava a sair do escritório, já estava no carro e foi Silvério Nungo que lhe trouxe a encomenda. E ele costumava sair do escritório e ir trabalhar para uma zona, Oyster Bay, porque estava calmo e também havia um outro problema, Mondlane gostava de andar muito a pé, descalço, na praia, porque tinha os pés chatos. E então necessitava de fazer esse exercício para depois aguentar as marchas que nós fazíamos. E quando ele abriu a encomenda, rebentou. Não houve outra versão, essa foi a versão verificada pela Interpol, pela polícia tanzaniana, por nós próprios.

**DW África:** Há historiadores que dizem que a FRELIMO se apropriou da história de Moçambique. Acha que a história deste país precisa de ser reescrita?

**SV:** Quem é que lutou pela libertação nacional? Foi quem? Vamos inventar forças que lutaram para libertar Moçambique quando nunca existiram? Não, não houve

apropriação nenhuma. Mencionam tal e tal organização que existia, mas nunca existiu dentro de Moçambique, existiu fora, nunca se preocupou. É como o 7 de setembro: “nós também queremos”. “Querem o quê? Ocuparam a rádio, mataram pessoas, querem o quê?” Era porque a FRELIMO se apropriava da história de Moçambique? Era porque Portugal negociou com a FRELIMO? Com quem é que Portugal ia negociar?

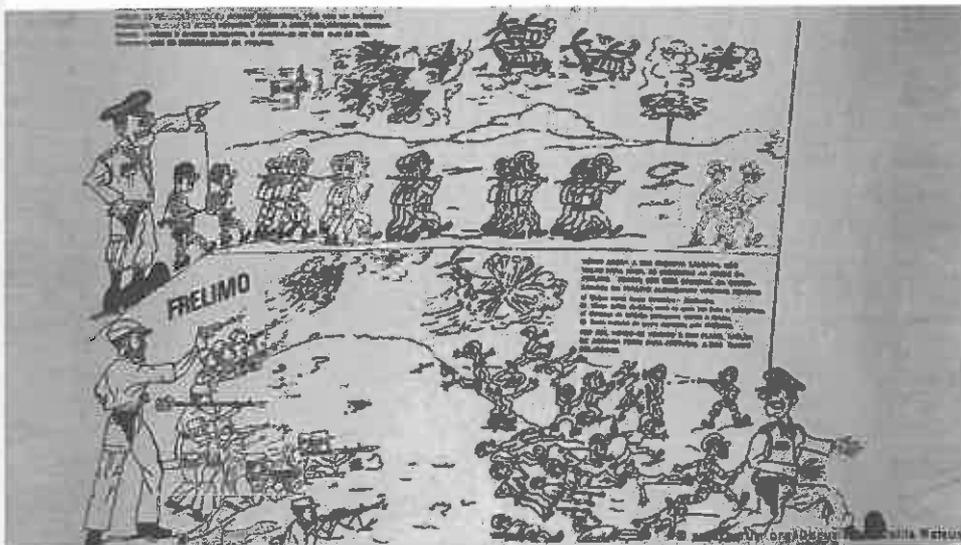


**DW África:** A 25 de abril de 1974 deu-se a Revolução dos Cravos em Portugal. Como é que recebeu a notícia da revolução?

**SV:** Nós tínhamos uma boa organização, tínhamos gente que estava em Portugal. E eu lembro-me de um grande jornalista que já morreu, o moçambicano Leite de Vasconcelos. O Leite de Vasconcelos foi expulso de Moçambique pela PIDE e trabalhava na Rádio Renascença e estava ligado a nós. E o Leite de Vasconcelos deu-nos a informação da preparação do Movimento das Forças Armadas e deu-nos a informação de qual era a música que ele ia pôr, que era a música do Zeca Afonso, que também foi expulso de Moçambique (foi professor na Beira e também foi expulso de Moçambique), quer era a "Grândola Vila Morena". Sabíamos que Spínola e Kátulza queriam preparar outros golpes e houve o tal das Caldas e, na noite de 24 para 25 de abril, quando a rádio começou a dar as informações em Portugal, vieram-me acordar, disseram: "passa-se isto". Eu disse: "qual é a música que deram?" "É esta música", "Então ok, é um bom golpe." De manhã, informei o camarada Samora.

**DW África:** Valeu a pena lutar pela independência do seu país?

**SV:** Sem dúvida nenhuma que vale a pena um país libertar-se do colonialismo e do racismo. Se eu vejo as diferenças que aconteceram aqui: um não branco não podia andar na cidade sem passe depois do pôr do sol. Na minha província natal, que é uma vez, duas ou três vezes maior do que Portugal, em Tete, quando eu fui para a escola primária tive sorte, porque lá, na vila de Tete, havia uma escola primária oficial e não havia outra, em todos os 104 mil quilómetros quadrados. Naquela província toda só havia um médico.



A Operação Nó Górdio decorreu em 1970 e tinha como objetivos eliminar as possibilidades de infiltração em Moçambique dos combatentes da FRELIMO a partir da fronteira com a Tanzânia e destruir as suas bases no país

**DW África:** Vê os ideias da luta armada refletidos na realidade de Moçambique hoje em dia?

**SV:** Por exemplo, a terra ainda é uma conquista do povo. E isso é fundamental, não sermos estrangeiros na nossa própria terra. O surgimento do ensino privado, da medicina privada, de alguma maneira, pôs em causa aquilo que nós queríamos, que era uma democratização real do ensino e da saúde. E hoje, bom, há um ensino público, há um ensino privado, o ensino privado é para certas elites, porque se paga e bem. Há medicina privada para certas elites, que se paga e bem. Isso não era o que queríamos, mas pronto.

**DW África:** Que balanço faz destes 40 anos de independência?

**SV:** Avançámos muito. Em todos os campos avançámos muito. Há pequenos recuos, a distribuição da riqueza não se está a fazer da melhor maneira, mas, de um modo geral, avançámos muito. Vivemos melhor agora do que vivíamos antes, em toda a parte do país, do Rovuma ao Maputo.

» "Não há nada que apareça sem sacrifício", diz Francisco Gimo

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes Militares e Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos. (08.04.2014)

» "Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwitú

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. (08.04.2014)

» "A liberdade faz-se com o coração", diz Óscar Monteiro

Monteiro estudou Direito em Portugal e agiu pela FRELIMO na clandestinidade. Representou o movimento na Argélia, participou nas negociações dos Acordos de Lusaka e integrou o Governo de transição em Moçambique. (08.04.2014)

» Vicente Berenguer Llopis, "o padre branco de coração negro"

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu. (08.04.2014)

AUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

▣ Ouça a entrevista a Sérgio Vieira 

▣ Vídeo da entrevista a Sérgio Vieira (Flash) 

▣ Vídeo da entrevista a Sérgio Vieira (MP4) 

Data 25.06.2014

Autoria Marta Barroso

Palavras-chave 40 anos; Revolução dos Cravos; Moçambique; independência; Sérgio Vieira

Compartilhar  Enviar  Facebook  Twitter  google+  Mais

Feedback . Comentário

Imprimir  Imprimir a página

Link permanente <http://dw.de/p/1Bdk1>

MAIS DA MESMA EDITORIA



Vicente Berenguer Llopis, "o padre branco de coração negro" 24.03.2015

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu.



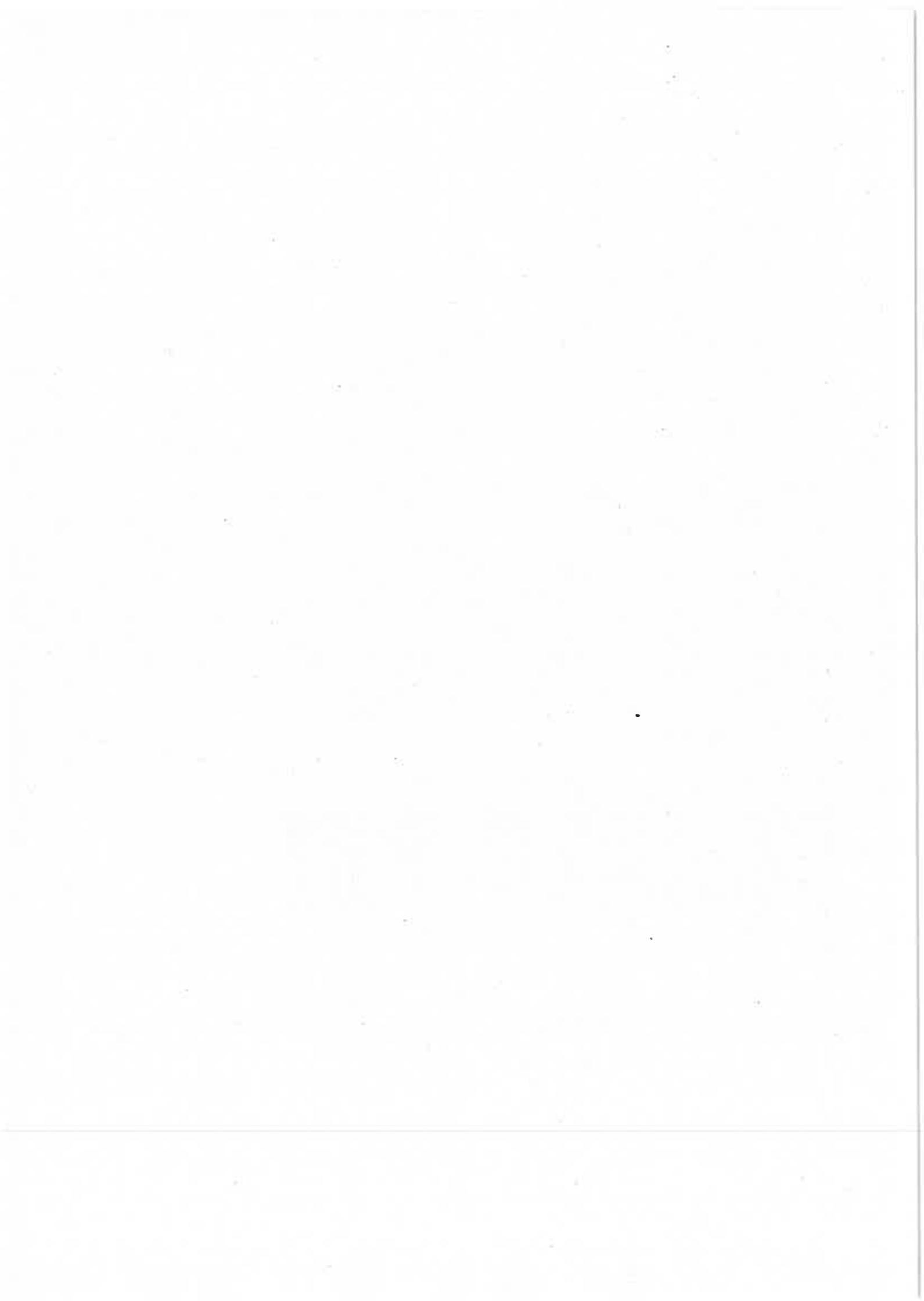
"Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwitú 16.02.2015

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique.



"Não há nada que apareça sem sacrifício", diz Francisco Gimo 25.06.2014

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes Militares e Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos.



MOÇAMBIQUE

## “Não foi só o homem que libertou Moçambique”, diz Geraldina Mwitú

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique.



Era ainda muito jovem quando começou a dar aulas nas bases da FRELIMO. Depois de deixar a sua terra-natal, Mueda, na província de Cabo Delgado, norte de Moçambique, Geraldina Mwitú ensinou português a crianças órfãs e crianças cujos pais estavam na frente de combate.

O Massacre de Mueda, que ocorreu a 16 de junho de 1960, é considerado um dos últimos episódios que marcaram a resistência pacífica dos moçambicanos ao colonialismo. Foi o massacre que levou muitos daquela região a juntar-se à luta de libertação.

**DW África:** Era em Mueda que se encontrava na altura do massacre?

**Geraldina Mwitú (GM):** Quando se deu o tal massacre, eu só vi as pessoas mais velhas a andar de um lado para o outro a dizer que os colonialistas lá em Mueda mataram os moçambicanos que foram pedir a independência. Mas em vez de serem concedidos a tal independência, os colonialistas responderam com armas. E três pessoas foram presas. Isto foi o culminar das grandes atividades que o povo maconde vinha desenvolvendo. Porque primeiro começou a política para aquele povo que foi [informado de que] os tanzanianos já eram independentes.

**DW África:** Que efeitos se fizeram sentir na região depois do massacre?

**GM:** Muita população abandonou o distrito para se ir refugiar na Tanzânia. Porque ganhou medo com aquela situação. Ficou a entender que o colono, em vez de só colonizar, estava a massacrar-nos e a matar-nos. Mas algumas pessoas resistiram. Continuaram a viver na província e a mobilizar o povo de que não podia parar com o massacre, que tinha de combater politicamente, tinha de lutar até que eles conseguissem ter a sua independência.

**DW África:** Quando começou a ter uma postura ativa pela causa da independência?

**GM:** A partir de 1964. Nesse ano foi morto o padre Daniel. Nós lá na missão de Nangulolo vivíamos

com as irmãs da Consolata e os padres monfortinos. Depois da morte do padre, a nossa missão encheu-se da tropa portuguesa. A partir dali sentimos que a guerra estava eminente. Numa das vezes que a tropa se deslocou para o posto administrativo de Muidumbe entrou na emboscada dos guerrilheiros da FRELIMO. A partir dali, já estávamos a viver a luta de libertação nacional.

Ouçã a entrevista a Geraldina Mwitũ

**DW África:** Antes de se juntar aos combates dentro de Moçambique, esteve na Tanzânia e envolveu-se na área da formação. Como passou de professora a combatente?

**GM:** Eu saí de Moçambique com a minha quarta classe, fui para a Tanzânia

diretamente para o centro de refugiados de Rutamba. Daí fui destacada para ir ensinar as outras crianças que não sabiam ler nem escrever no ensino em português. Depois fui indicada para ir a Dar-es-Salaam aumentar os meus conhecimentos. Porque em Dar-es-Salaam já haviam começado a lecionar a partir da quinta classe. Mas infelizmente não terminei.

Nos princípios de fevereiro, chegada a Dar-es-Salaam, não levei muito tempo, ocorre a morte de Eduardo Mondlane, nosso Presidente. Dispersámos. Uns foram para Nachingwea, para o centro de preparação político-militar, alguns, que não tinham idade, como no meu caso, foram encaminhados para o centro estudantil de Tunduru, onde havia crianças órfãs, crianças cujos pais estavam na frente da luta de libertação nacional. E, estando em Tunduru, mais algumas camaradas, fomos indicadas para ensinar aquelas crianças. Aí ensinei durante dois ou três anos. Fui indicada, então, para poder passar para o centro de formação político-militar, Nachingwea.

**DW África:** Havia diferenças entre os treinos dirigidos às mulheres e aqueles que eram dirigidos aos homens?

**GM:** Nenhuma diferença. Era tal e qual. Havia pelotões das meninas e pelotões dos homens. Mas quem dirigia os treinos eram os homens acompanhados das mulheres que eram instrutoras.



Operações de guerra do exército português em Mueda (1968)

**DW África:** Até que ponto o papel das mulheres foi determinante na luta de libertação?

**GM:** O primeiro grupo de 25 meninas foi muito determinante: "nós, sendo moçambicanas, queremos ir lutar lado a lado [com os] homens." E assim aconteceu. Essas 25 meninas treinaram, depois foram lançadas para o interior de Cabo Delgado. Elas, para além de fazer o carregamento do material,

lutaram [ao lado] dos homens para poderem combater o inimigo comum. Para além do combate, a mulher mobilizava a população. A mulher estava à frente do ensino, a mulher estava na saúde, a mulher estava ao cuidado das crianças órfãs, ao cuidado das crianças [cujos] pais estavam na frente da luta de libertação nacional.

**DW África:** Chegou a sofrer discriminação por parte de colegas homens por ser mulher combatente?

**GM:** Não. Porque nós considerávamos que [estávamos todos ali] para um fim comum. Não podia haver discriminação. Como mulher desempenhei o papel que me cabia na altura, desempenhei o papel que era necessário: dar a minha contribuição para que Moçambique fosse independente.

**DW África:** Há algum episódio da época da luta pela independência que a tenha marcado especialmente?

**GM:** Isto nunca me vai sair da cabeça. A viagem que eu fiz com os meus colegas para Moçambique depois dos treinos. Entrámos em Moçambique, ficámos nas bases e o nosso chefe disse: "uma semana com as vossas famílias". E eu fui encontrar-me com a minha irmã. E ela disse: "quando for à Tanzânia, há-de dizer à mamã que eu estou bem, a mana mais velha também está bem e que eu já tenho três crianças e estou à espera de bebé". Dormimos. De manhã, eu saí, despedi-me dela.

Cheguei à Tanzânia, no centro de preparação político-militar, a minha intenção era só de ver mamã, mamã, mamã. Uma semana depois, à tardinha, eu estava sentada com as minhas colegas. "Na rádio estão a falar do teu nome, não sei se é teu irmão, não sei quem morreu lá em Rutamba." Rutamba era o centro de refugiados onde estava a minha mãe. Eu saí do centro, quando eu cheguei lá em Rutamba, encontrei meu pai, encontrei meu irmão, então é que eu soube que a mamã faleceu. Aquela informação que eu trazia de Moçambique não pude dar à minha mãe.

**DW África:** 40 anos depois de proclamada a independência de Moçambique, acha que valeu a pena lutar por ela?

**GM:** Valeu. E valeu muito. Porque ganhámos a nossa independência, já estamos a conduzir o destino do nosso país. Libertámos a terra, libertámos o homem, mas a luta continua. Temos que lutar pela nossa economia, temos que lutar

agora contra a pobreza. À medida que os anos passam, aparecem outros desafios e nós, com esta idade, já não vamos a tempo, mas temos que inculcar à nova geração que a luta deve continuar para o bem do país.

**DW África:** Durante a luta de libertação nacional, lutou ao lado de homens, assumiu um papel idêntico ao dos homens. Como vê hoje o papel da mulher em Moçambique?

**GM:** A luta da mulher continua. Noutras vertentes. Nós, durante a luta de libertação nacional, estávamos a lutar pela emancipação da mulher, que até agora continua. Quando chegámos cá, encontrámos outra situação que é a violência contra a mulher. A luta continua. Vai continuar. Sempre que houver outros desafios que obriguem a mulher a lutar pelo seu bem.

**DW África:** Quais são, na sua opinião, os maiores desafios para a mulher moçambicana?

**GM:** Ela tem que continuar a lutar. Quem sabe se um dia podemos ter uma Presidente. A luta não pára, ela tem de continuar para [obtermos] essa igualdade. Porque não foi o homem só que libertou este país. Iniciou-se a luta e ela deve continuar para os novos desafios.



Video da entrevista a Geraldina Mwitu (Flash)

MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

» "Não há nada que apareça sem sacrifício", diz Francisco Gimo

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes Militares e Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos. (08.04.2014)

» Vicente Berenguer Llopis, "o padre branco de coração negro"

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu. (08.04.2014)

#### AUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

🔊 Ouça a entrevista a Geraldina Mwitu 📌

📺 Vídeo da entrevista a Geraldina Mwitu (Flash) 📺

📺 Vídeo da entrevista a Geraldina Mwitu (MP4) 📺

**Data** 16.02.2015

**Autoria** Marta Barroso

**Palavras-chave** 40 anos, Revolução dos Cravos, Moçambique, independência, Geraldina Mwitu, FRELIMO, luta armada

**Compartilhar** 📧 Enviar  Facebook  Twitter  google+  Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir** 🖨️ Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1BdVWh>

#### CONTEÚDO RELACIONADO



**Vicente Berenguer Llopis, "o padre branco de coração negro"** 24.03.2015

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu.



**O papel da literatura na luta de libertação em África** 22.05.2015

Como é que a escrita e a literatura contribuíram para a mobilização e a emancipação política na luta pela independência das ex-colónias portuguesas em África? A DW foi saber o que pensam alguns escritores lusófonos.



**"A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis** 16.02.2015

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri aquando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação.



CABO VERDE

## "A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri quando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação.



Carlos Reis juntou-se à luta de libertação nacional quando era ainda estudante. O antigo combatente e histórico do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) foi o primeiro quadro do partido a trocar Conacri por São Vicente, onde chegou no início de maio de 1974.

Tinha apenas 28 anos quando assumiu a pasta da Educação entre 1975 e 1981, nos primeiros anos da independência de Cabo Verde.

O histórico do PAIGC participou também na criação do Partido Africano da Independência de Cabo Verde (PAICV), em 1980. Atualmente é investigador e um dos administradores da Fundação Amílcar Cabral, na Cidade da Praia.

Nesta entrevista à DW África, Carlos Reis relembra os dias em que dava aulas na Escola-Piloto do PAIGC, a invasão portuguesa de Conacri, em 1970, e a morte de Amílcar Cabral, entre outros momentos que mais o marcaram durante a luta de libertação.

**DW África:** Quando estava em Portugal enviava muito material informativo para Cabo Verde. Como é que conseguia ludibriar a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE)?

**Carlos Reis (CR):** A maior parte das vezes trazia eu próprio o material - por vezes, até de boleia de avião militar! Enfim, eram situações que se viviam porque havia motivação, havia juventude e acreditava-se numa causa. Acreditava-se na necessidade de levar as informações contidas nesses documentos a um número alargado de jovens, sobretudo a jovens que se encontravam aqui nas ilhas, tentando demonstrar que a luta era possível e que era possível a independência nacional.

Ouçá a entrevista a Carlos Reis

DW África: A mobilização de novos militantes era

difícil, sobretudo numa altura em que se temia o comunismo?

CR: Foi sempre difícil porque se temia o comunismo, mas sobretudo porque se temia a PIDE! De cada vez que julgávamos ter um

determinado grau de eficácia organizacional havia uma redada de prisões e, na verdade, ia abaixo a organização.

DW África: Além de Lisboa também passou por Argel. E, em 1970, surge a oportunidade de descer até à Guiné-Conacri e integrar a luta armada. Esse era o maior desejo de um combatente da liberdade naquela altura?

CR: Foi-se encontrando o caminho, caminhando. Havia, de facto, uma vontade muito grande da minha parte. Eu queria mesmo entregar-me a esta causa, fazer aquilo que estivesse ao meu alcance e aprender a fazer coisas que não sabia para ser útil a uma causa que eu acreditava que era necessária.

DW África: Foi professor na Escola-Piloto do PAIGC, em Conacri. Que ensinamentos e valores procurava transmitir aos seus alunos?

CR: O próprio trabalho político ensinou-me que o cerne principal da luta está efetivamente na superação constante, no estudo constante, naquilo a que, ao fim e ao cabo, se chama a educação. Por coincidência, comecei por ser professor mesmo antes de ir, porque exerci um ano aqui como professor.

Os jovens nessa época eram obrigados a fazer o serviço militar. Eles eram obrigados por lei a fazer a guerra colonial e, portanto, era preciso uma atitude política clara de rejeição dessa guerra. Era preciso fazer um trabalho político junto dos jovens que corriam esse risco.

Os representantes do regime colonial tentavam passar a mensagem que Portugal não tinha colónias, tinha era províncias ultramarinas. Tentavam esconder realidades como, por exemplo, a Lei do Indigenato, que permitia que os chefes de posto e os administradores recorressem ao trabalho forçado.



Visita do Comité de Descolonização da ONU a uma tabanca destruída pela aviação portuguesa nas regiões libertadas da Guiné-Bissau (1972)

DW África: Acreditava então que a "arma da teoria" era tão importante quanto a luta armada?

CR: Absolutamente. Ou até mais importante, porque a luta armada, em princípio, é cronologicamente limitada. Felizmente que era vista apenas como recurso de última instância, como algo que apenas serviu para responder à violência do inimigo.

Os aviões bombardeavam as populações e deixavam tabancas, crianças e culturas agrícolas destruídas. Eles envenenavam os territórios com desfolhantes tóxicos. Há fotografias que documentam pessoas, incluindo crianças e mulheres, que ficaram com marcas de queimaduras. Portanto, era preciso mostrar que este era um povo que estava de pé na sua própria terra, disposto a dar resposta a provocações e a atos criminosos desse género.

Tentou-se demonstrar que os africanos nacionalistas é que eram os terroristas. Mas, numa das suas últimas intervenções, Amílcar Cabral refere-se ao ataque que as forças militares colonialistas fizeram à delegação das Nações Unidas que em 1972 visitou as regiões libertadas da Guiné-Bissau. E Cabral falou do terrorismo praticado sobre essa delegação.

**DW África:** Também vários grupos de jovens europeus, incluindo alguns alemães, chegaram a visitar as zonas libertadas. Como é que foram as reações perante esta sociedade "sui generis" que tinha sido aí criada?

**CR:** Era de facto uma inovação na época. Um grupo de homens, a quem as autoridades coloniais insistiam em apelar de terroristas, aparecer tão preocupado com causas como a educação e a saúde. As zonas libertadas, do ponto de vista conceptual, são uma espécie de contribuição teórica de alguém que pensou o movimento de libertação nacional e que tentou demonstrar e ensinar que não se bate pela independência apenas para se ter ministros, uma bandeira ou um hino nacional. Como o próprio Cabral dizia, as independências só têm razão de ser se servirem para a melhoria das condições de vida das pessoas.



Combatentes das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), das quais Carlos Reis foi comandante

**DW África:** As Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), o braço armado do PAIGC, passaram por fases de esmorecimento moral. Aliás, quando António de Spínola chegou à Guiné vivia-se esta fase de desgaste militar e psicológico, que duraria até ao assassinato de Amílcar Cabral, em janeiro de 1973. Como é que viveu este período?

**CR:** Efetivamente. Não é por acaso que os principais aliados que as autoridades coloniais encontraram na época foram agentes da polícia francesa. Os franceses tentaram vários projetos de derrube e creio mesmo de assassinato de Sékou Touré [então Presidente da Guiné], cuja radicalização era, para eles, um desafio. Creio que isso também está relacionado com a aproximação dos franceses às autoridades portuguesas e à PIDE, na procura de elementos e na criação de condições para organizar o desembarque de Conacri [operação "Mar Verde"].

Os agentes da PIDE e da segurança militar portuguesa foram apoiados largamente por agentes da polícia francesa. Aliás, um dos projetos de assassinato de Cabral também envolveu um agente francês. E, naturalmente, o desembarque de Conacri só foi possível porque os que desembarcaram foram convencidos de que havia elementos que os apoiavam.

Foi essencialmente graças à reação das tropas do PAIGC que foi possível responder, em parte,

contrariando os objetivos da tropa de desembarque, que consegue libertar alguns presos, mas não sem deixar de atacar o secretariado do partido.

**DW África:** Estava presente no porto de Conacri quando se deu a invasão portuguesa?

**CR:** Sim, já estava no porto de Conacri. Era um jovem recém-chegado, não era um recruta, mas quase. Era um subordinado. Mas já lá estava, assim como estava aquando do assassinato de Amílcar Cabral.



Amílcar Cabral foi assassinado em 20 de janeiro de 1973, em Conacri

**DW África:** A invasão portuguesa de Conacri e a morte de Amílcar Cabral foram dois dos momentos que mais o marcaram durante a luta de libertação?

**CR:** Sim, de maneiras diferentes. O meu primeiro encontro com Amílcar Cabral marcou-me imenso. É algo que ainda hoje me suscita algum encantamento. Naturalmente a invasão de Conacri mobilizou-me, obrigou-me a amadurecer muito mais como combatente porque ajudou a demonstrar a natureza do inimigo. Mas sobretudo o assassinato de Cabral foi algo que buliu profundamente com qualquer um de nós, qualquer um que se tivesse entregue com sinceridade à causa da luta.

**DW África:** Estava em Libreville (Gabão) quando recebeu a notícia do 25 de Abril de 1974 em Portugal. Foi uma surpresa ou o PAIGC já contava que acontecesse alguma coisa, até porque tinha reforçado os ataques contra os quartéis portugueses?

**CR:** O PAIGC não desistiu de ir fazendo campanhas de mobilização junto das comunidades onde havia cabo-verdianos. E eu tinha ido [de Conacri] com uma mensagem de Aristides Pereira – já secretário-geral-adjunto ainda não eleito do PAIGC – junto do Presidente [Agostinho] Neto solicitando apoio para me deslocar nos locais onde houvesse concentrações de cabo-verdianos.

Video da entrevista a Carlos Reis (Flash)

Vinha já de Ponta Negra, tinha estado com Lúcio Lara e com elementos militares, guerrilheiros do MPLA, na base de Dolizi, junto da fronteira com Cabinda. Quando regressava de Ponta Negra, ele recebeu a notícia do 16 de Março e que um destacamento militar nas Caldas da Rainha, comandado por Almeida

Bruno, interpreta mal um sinal que ele julgou que tinha sido dado para o 25 de Abril e desata a marchar. E ouvi isso de Lúcio Lara vindo de Ponta Negra para Brazzaville.

Mas os que sabiam que o 25 de Abril podia não ser aquilo que se dizia tinham de continuar a luta. Porque uma coisa eram os objetivos da democracia em Portugal, outra coisa, embora tivesse de haver necessariamente alguma articulação, era o processo da independência - no caso concreto, de Cabo Verde, mas também em relação às outras colónias.

**DW África:** E depois de Libreville volta a Conacri?

**CR:** Volto a Conacri e encontro o Aristides Pereira, já com notícias do 25 de Abril. Entretanto já se tinham passado duas semanas. Encontrei-me com um grupo de camaradas na Holanda, onde já tínhamos também uma base de apoio importante. E decidimos que devíamos começar já a apalpar o terreno e que não devíamos esperar mais tempo. Lembro-me ainda do dia em que passei a fronteira em Lisboa. Na verdade, havia muita desorientação. E vim para Cabo Verde numa quarta-feira, num voo da TAP, na semana que se seguiu ao 19 de maio.

**DW África:** O que é que sentiu quando pisou Cabo Verde depois de tantos anos de luta e de vida na clandestinidade?

**CR:** Estava emocionado. Mas tinha a certeza de que era só uma questão de tempo até sermos independentes e que fomos conseguir que a maioria das pessoas abraçasse a causa da independência.

**DW África:** Quase quatro décadas depois da independência de Cabo Verde, a luta valeu a pena?

**CR:** Acho que os cabo-verdianos, de uma maneira geral, consideram que sim, que valeu a pena. E hoje a independência é um património, é um bem, é um valor que naturalmente é de todos nós.



Na cave da Fundação Amílcar Cabral, Carlos Reis revê fotografias do fundador do PAIGC

#### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

---

##### » Rádio Libertação: "Fala o PAIGC"

Criada em 1967, a Rádio Libertação foi crucial para difundir os ideais do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Amélia Araújo, locutora das emissões em português, era a voz mais conhecida. (22.09.2014)

---

##### » Pedro Martins, o prisioneiro mais jovem do Tarrafal

Tinha 16 anos quando ingressou nas fileiras clandestinas do PAIGC. Três anos depois, era o mais jovem preso político no campo do Tarrafal, onde foi torturado. É libertado a 1 de maio de 1974, sob aclamação da população. (25.08.2014)

---

##### » Lilica Boal, a eterna diretora da Escola-Piloto do PAIGC

Escolhida por Amílcar Cabral para dirigir, em Conacri, a escola que preparava os filhos dos combatentes para a independência, Maria da Luz "Lilica" Boal agradece hoje "a sorte" de ter participado na luta de libertação. (25.08.2014)

---

##### » "Fui um negociador astuto", considera Pedro Pires

Em 1974, Pedro Pires liderou a delegação que negociou com Portugal o reconhecimento da independência da Guiné-Bissau e depois de Cabo Verde. O PAIGC era o movimento de libertação "legítimo", sublinha o antigo Presidente. (25.08.2014)

---

##### » "Estávamos todos cansados da guerra", lembra Corsino Tolentino

Ex-combatente do PAIGC e responsável pela mobilização de emigrantes cabo-verdianos na Bélgica, na Holanda e na França, Corsino Tolentino dirigiu a primeira missão do Governo de Cabo Verde independente a Portugal. (30.08.2014)

---

#### AÚDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

---

[Ouça a entrevista a Carlos Reis](#) 🔊

---

[Vídeo da entrevista a Carlos Reis \(Flash\)](#) 📺

---

▣ Vídeo da entrevista a Carlos Reis (MP4) ▣

---

**Data** 16.02.2015

**Autoria** Madalena Sampaio

**Palavras-chave** Cabo Verde, Guiné-Bissau, Carlos Reis, Escola-Piloto, PAIGC, Amílcar Cabral, Revolução dos Cravos, independência, 40 anos

**Compartilhar** Enviar Facebook Twitter g+ google+ Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir** Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1CW3H>

---

CONTEÚDO RELACIONADO



**Para Amílcar Cabral, a educação era a principal arma da libertação** 19.01.2015

Assinala-se nesta terça-feira, 20 de janeiro, o 42º aniversário da morte de Amílcar Cabral, "pai" das independências da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Para ele, a educação estava na base do poder de um povo.



**Lilica Boal, a eterna diretora da Escola-Piloto do PAIGC** 17.10.2014

Escolhida por Amílcar Cabral para dirigir, em Conacri, a escola que preparava os filhos dos combatentes para a independência, Maria da Luz "Lilica" Boal agradece hoje "a sorte" de ter participado na luta de libertação.



**Rádio Libertação: "Fala o PAIGC"** 22.09.2014

Criada em 1967, a Rádio Libertação foi crucial para difundir os ideais do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC). Amélia Araújo, locutora das emissões em português, era a voz mais conhecida.

ANGOLA

## A luta pela independência de Angola travada a partir de Portugal

O Movimento Associativo Estudantil, que nos anos 1950 e 1960 desafiou o regime colonial de Salazar, foi importante na mobilização de consciências nacionalistas impulsionadoras das lutas pela independência dos PALOPs.



Alguns dos associados da Casa dos Estudantes do Império, que fizeram parte do referido movimento, realçam esse papel em declarações à DW, à margem de um recente debate, em Lisboa, organizado pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA).

O Movimento Associativo Estudantil, que vigorou durante a ditadura salazarista, teve um papel valioso no processo político e cultural que conduziu à luta pela autodeterminação e independência dos países africanos de língua portuguesa. O médico Edmundo Rocha, um dos 14 angolanos que, em setembro de 1961, instalaram em Kinshasa (ex-Zaire) o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), diz: "Um dos pólos do desenvolvimento da consciência nacionalista foi aqui, em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império. E graças a várias pessoas, e a várias gerações, a do Agostinho Neto, do Lúcio Lara, a nossa, do João Vieira Lopes, do Gentil Vieira, foi-se sucessivamente mantendo e espalhando os ideais da chama do nacionalismo".



Edmundo Rocha

### Fuga para o combate

Manuel dos Santos Lima, que viria a ser o primeiro comandante do Exército Popular para a libertação de Angola, foi outro dos "militantes" desse movimento: "Seguíamos atentamente o que se passava fora de território português, particularmente os movimentos independentistas nas antigas colónias francesas e inglesas. Nessa altura, quando os africanos se cruzavam em qualquer capital europeia, era

frequente as pessoas saudarem-se e perguntarem: e então, como é que está a luta no vosso país?"

Edmundo Rocha, que esteve também ligado ao Movimento de Estudantes Angolanos (MEA),

considera determinante a fuga organizada, de Portugal para Paris, de cerca de cem jovens das colónias, que mais tarde se juntariam aos movimentos de libertação: “Em 61, cem estudantes africanos decidiram fugir de Portugal, dar o salto, e reunir-se aos movimentos de libertação nacional lá fora: em Leopoldville com o MPLA, a FRELIMO nessa altura ainda não estava constituída, mas veio a constituir-se um ano ou dois depois, e ao PAIGC. O Pedro Pires [posteriormente Presidente de Cabo Verde] participou nessa fuga”.

### Os riscos da clandestinidade

Foi um ato de coragem, refere o médico. Porque, na época, um em cada dez portugueses era informador da polícia política (PIDE), que seguia todos os passos dos ativistas suspeitos. Os estudantes das colónias eram prisioneiros da situação política portuguesa e tinham que agir com cautela na clandestinidade. Já em 1960, quando se propagavam os valores e os princípios da africanidade, chegavam notícias sobre as

independências de países africanos como o Congo Kinshasa – lembra o professor catedrático, Manuel Lima: “Portugal de Salazar resiste a esse movimento independentista, que se fez pacificamente, e então tem que se ir para a luta armada como último recurso. E é por isso que as antigas colónias portuguesas terão como grande parceiro a Argélia”, onde a França também não aceitou de bom grado um acordo, “e recorreu-se à guerra”, explica Manuel Lima.



Manuel dos Santos Lima



Carlos Veiga Pereira

### A independência como única solução possível

Carlos Veiga Pereira recorda-se particularmente bem das conversas que tinha com o seu grande amigo, António Agostinho Neto. Já na altura não havia qualquer dúvida sobre o que o futuro devia ser: “A primeira vez que tivemos uma conversa sobre isso, em Coimbra, em que de fato estávamos os dois de acordo de que não haveria outra solução que não a

independência”.

Alguns desses jovens que integraram o movimento estudantil da época, como Amílcar Cabral e Agostinho Neto, entre outros, acabaram mais tarde por assumir a liderança das lutas pela libertação dos respetivos países, cujas independências foram proclamadas há 40 anos.

A luta pela independência de Angola travada a partir de Portugal

### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

» [Independência de Angola](#)  
Especial da DW África

» [Casa dos Estudantes do Império: berço de líderes africanos em Lisboa](#)  
Criada durante a ditadura salazarista, a Casa dos Estudantes do Império devia apoiar e controlar estudantes das colónias. Não conseguiu o controlo e a Casa teve um papel fundamental para as lutas de independência.

(13.10.2012)

» "A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri aquando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação. (16.02.2015)

» "Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwitú

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. (16.02.2015)

» Flora Gomes leva história da Guiné-Bissau à Berlimale

Flora Gomes é o único representante dos PALOP no Festival Internacional de Cinema de Berlim. O cineasta guineense divulgou imagens do arquivo histórico de seu país na mostra Forum Expanded. (12.02.2015)

» Acordo de Alvor foi assinado há 40 anos

Faz esta quinta-feira (15.01) quarenta anos que foi assinado o Acordo de Alvor, que definiu os princípios da partilha do poder em Angola entre o MPLA, a UNITA e a FNLA. (15.01.2015)

ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

☐ A luta pela independência de Angola travada a partir de Portugal ↻

Data 05.03.2015

Autoria João Carlos/Lisboa

Assuntos relacionados Portugal

Palavras-chave Movimento Associativo Estudantil, Casa dos Estudantes do Império, independência, Angola, Moçambique, Cabo Verde, FRELIMO, MPLA, PAIGC, Portugal, PIDE

Compartilhar ↗ Enviar f Facebook t Twitter g+ google+ < Mais

Feedback : Comentário

Imprimir ↻ Imprimir a página

Link permanente <http://dw.de/p/1EIRp>

CONTEÚDO RELACIONADO



Como transmitir memórias da luta de libertação às novas gerações? 26.05.2015

Protagonistas da Casa dos Estudantes do Império, extinta há 50 anos, defendem a preservação das memórias da luta contra a colonização. Pedem mais investigação sobre esse património e o ensino desse período nas escolas.



"A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis 16.02.2015

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri aquando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação.



O ano de 2014 nos PALOP

26.12.2014

Moçambique alcançou um novo acordo de paz e foi a votos. Várias manifestações foram reprimidas em Angola. A Guiné-Bissau regressou ao caminho da estabilidade. Estes são apenas alguns dos temas de destaque do ano. ↻



PORTUGAL

## As mulheres da Revolução dos Cravos

Foram militares portugueses, homens, que pensaram e executaram o golpe de Estado de 1974 para acabar com a guerra colonial e com uma ditadura de quase meio século. Mas onde estavam as mulheres na revolução?



Manifestação de mulheres em Portugal durante a década de 1970

Maria Teresa Horta lembra-se bem daquela noite terrível. A escritora portuguesa acabara de sair de casa. Um carro acendeu as luzes. Ela começou a andar, à procura de um táxi, mas deteve-se. "Vejo que o carro avança, tenta atropelar-me, eu fujo para dentro do passeio, ele pára mais adiante." Dois homens saíram do carro. "Correram para mim, deitaram-me ao chão. E começaram a bater com a minha cabeça no chão e a dizer uma frase espantosa que era 'isto é para tu aprenderes a não **escreveres** como **escreves**'."

Um passante foi em socorro de Maria Teresa Horta. Levou-a ao hospital, porque ela estava a sangrar. Os agressores fugiram. Maria Teresa Horta acabara de escrever o livro de poesia "Minha Senhora de Mim", que era, nas palavras da autora, "uma escrita de erotismo, uma escrita dos sentidos, uma escrita que ainda não se tinha visto em Portugal. Que era uma mulher a falar do seu corpo, a falar do corpo do homem."

Eram os inícios dos anos setenta. O ditador fascista português António Salazar já morrera, mas o seu sucessor, Marcello Caetano, deu seguimento à linha conservadora do regime.

O lugar da mulher era em casa, segundo a ideologia vigente na altura. À mulher eram atribuídas as tarefas domésticas e a função de cuidar dos filhos. Nas famílias mais pobres, as mulheres também trabalhavam, mas tinham direitos limitados. Na altura, se uma mulher quisesse trabalhar no comércio, abrir uma conta bancária ou sair de Portugal tinha de pedir autorização ao marido.

Maria Teresa Horta nunca se conformou com essas coisas. Aos 13 anos já colocava questões incómodas em casa. "Comecei a achar estranho que perguntassem a todos os meninos que estavam ao pé de mim 'o que queres fazer quando fores grande?' E a nós, nada!", critica.



A Revolução dos Cravos salvou Maria Teresa Horta da prisão

O feminismo é algo que lhe deve estar nos genes, graceja. Ainda criança, costumava acompanhar a avó paterna a reuniões de feministas. "Senhoras de chapelinho, que tomavam chá e conversavam umas com as outras", recorda Maria Teresa Horta.

Uma dessas senhoras era a escritora Maria Lamas, que foi presa várias vezes pelo regime ditatorial e forçada ao exílio. Como ela, outras mulheres foram presas por subversão. A ceifeira Catarina Eufémia, por exemplo, foi inclusive assassinada num protesto contra o regime de Salazar.

### Sem liberdade nada feito

Antes de lutar pelos direitos das mulheres, era preciso lutar contra a ditadura moralista, diz Maria Teresa Horta. "Não se pode lutar pelo feminismo sem se lutar pela liberdade", sublinha a escritora.

"Não éramos as feministas americanas, que tinham uma Constituição e uma democracia. Não, nós não podíamos ser nada em Portugal. As mulheres não podiam ser coisa nenhuma. Não tinham direito a nada."



Por isso, até à revolução portuguesa, a luta feminista foi ofuscada pela luta para derrubar a ditadura, explica a historiadora Irene Pimentel.

"As mulheres da oposição ao regime lutavam sobretudo contra o regime, não de forma autónoma. Muitas delas lutavam no seio do Partido Comunista. Outras por questões democráticas, de

eleições."

Mesmo dentro dos movimentos de oposição ao regime fascista, a mulher era muitas vezes relegada para o lugar que já ocupava na sociedade machista, refere a historiadora.

"Por exemplo, as mulheres do Partido Comunista Português (PCP) normalmente tratavam das casas dos funcionários clandestinos e tinham as mesmas tarefas no lar. Tratavam da cozinha, etc. Muitas até eram analfabetas", recorda Irene Pimentel.

As mulheres eram tratadas como "companheiras na sombra".

"Retaguarda familiar"

Maria Barroso recebe-nos no escritório da Pro Dignitate, uma fundação de direitos humanos que ajudou a criar em 1994 e a que preside até hoje. Em cima de uma grande secretária estão vários papéis e livros. Mas há um que se destaca no topo: a biografia do marido, Mário Soares.

No livro, Maria Barroso é co-protagonista. Soares foi um dos principais opositores à ditadura portuguesa, Maria Barroso garantia a "retaguarda familiar", escreveu o biógrafo Joaquim Vieira.

As constantes viagens, para contactos políticos, e as deportações de Soares obrigaram Maria Barroso a ficar em casa a cuidar da educação dos dois filhos e do sustento da família, o Colégio Moderno, em Lisboa.

Maria Barroso viveu vários momentos de aflição ao lado do marido. Como no dia em que a polícia política portuguesa, a PIDE, perseguiu o casal a caminho do sul de Portugal.

"Eu até a certa altura disse ao meu marido: 'Tenho a impressão que vinha polícia atrás de nós.' E ele disse: 'Lá estás tu com a mania da polícia.' E quando chegámos ao hotel onde nos instalámos, o homem disse-nos: 'cuidado, acabaram de se instalar junto do vosso quarto gente da polícia política.' E eu até fiquei assustada e fiz uma coisa que parece uma garotice, mas peguei na escova do cabelo do meu marido (risos) que tinha um cabo e pus debaixo do travesseiro e disse: 'Se for preciso lutar...' Mas depois eles ali não fizeram nada", conta.

Numa outra vez, Maria Barroso recebeu uma encomenda com uma bala. Lá dentro havia também uma mensagem que dizia "das dez que esperam o doutor Mário Soares", segundo a biografia do político.



Mário Soares e Maria Barroso numa manifestação a 1 de maio de 1974, uma semana depois da revolução

### Revolução libertou mulheres

Agora, olhando para trás, todas essas dificuldades valeram a pena, afirma Maria Barroso. Porque aconteceu o 25 de Abril de 1974. Nesse dia, ela estava em Bona, na Alemanha, porque Mário Soares tinha encontro marcado com o então chanceler Willy Brandt.

"Estávamos no hotel e era manhã cedo quando recebi o telefonema a dizer-me que tinha havido uma revolução em Portugal. De maneira que eu fiquei muito excitada, acordei o meu marido e disse-lhe: 'Tens que ouvir isto!' E passei-lhe o telefone. Tinha havido, de facto, uma revolução em Portugal", recorda Maria Barroso.

Nas ruas de Lisboa, os capitães de Abril derrubaram do poder Marcello Caetano. Otelio Saraiva de Carvalho coordenou as operações, as tropas de Salgueiro Maia cercaram o Quartel do Carmo, onde Caetano se refugiou, e foi o general António Spínola que recebeu o poder das mãos do Governo.



Entretanto, uma mulher, Celeste Caeiro, repartiu cravos vermelhos pelos militares, que os colocaram nos canos das espingardas. Maria Barroso estava na Alemanha quando recebeu a notícia da revolução

A revolução foi uma ótima notícia para a luta pelos direitos das mulheres, diz a escritora Maria Teresa Horta. "Eu costumo dizer que toda a gente ganhou com o 25 de Abril em Portugal. Mas as mulheres particularmente. Porque as mulheres de repente descobriram que podiam ir para a rua, descobriram que podiam dizer não, não quero isto."

A revolução salvou Maria Teresa Horta da prisão. Dois anos antes, ela escrevera as "Novas Cartas Portuguesas" com Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno. Mas o livro foi proibido. As autoridades da ditadura portuguesa acusaram as "três Marias" de pornografia, obscenidade e abuso da liberdade de imprensa. "Nós ousávamos. Nós, mulheres, ousávamos falar da sexualidade de uma forma clara. E mais ainda. Nós falávamos da guerra de África. Isso era uma afronta dupla", afirma.

A escritora recorda-se bem da primeira sessão do julgamento, quando "o promotor público pega num dos textos das Novas Cartas e leu: 'Ai, os portugueses são tão bons na arena e tão maus na cama.' E pega no livro e deita o livro pelo ar. Uma coisa dramática. Desatou tudo a rir. Até o juiz pôs a mão à frente da cara, porque desatou a rir. Aquilo era uma coisa ridícula. Ele era gordo, pequenino, e então achava que dizer que os homens portugueses eram maus na cama era uma afronta à sua masculinidade."

O julgamento prolongou-se durante meses. Maria Teresa Horta conta que o mais certo era ela e as suas colegas serem condenadas. Mas, entretanto, justamente antes da última sessão do julgamento, deu-se a revolução. Tudo mudou. As "três Marias" foram absolvidas. O juiz chegou mesmo a convidá-las para jantar.

"Não só o juiz disse que nós éramos uns génios e que aquele era um livro fabuloso, como até deu um jantar, uma quantidade de gente, sim senhora, em casa dele, um espavento. E porquê? Porque já estávamos no 25 de Abril", afirma a escritora.



Após muitos meses de julgamento, as "três Marias" foram absolvidas

Depois da revolução, rasgaram-se leis como a que obrigava as mulheres a pedir autorização aos maridos para sair do país. E não só. Segundo a historiadora Irene Pimentel, antes da revolução "não era permitido a uma mulher ser juíza ou diplomata – por exemplo, embaixadora. Era proibido. A seguir ao 25 de Abril, se formos ver, as juízas e as magistradas estão em maioria."

Mas nem tudo foram rosas para as mulheres. No período quente, depois da revolução, Maria Teresa Horta ajudou a organizar uma manifestação de luta pelos direitos das mulheres. Ai, previa-se a queima de símbolos da opressão feminina: vassouras, grinaldas de noiva... Porém, centenas de homens juntaram-se em redor das mulheres e começaram a bater-lhes. "Eram murros, despiam as mulheres, tentavam violá-las", conta a escritora.

Reinava ainda a mentalidade machista, admite Maria Teresa Horta. Ainda hoje, as chamadas "companheiras na sombra" só lentamente saem para o sol. "Claro que na Constituição é proibido trabalho igual e salário desigual. Mas todas as centrais sindicais continuam a permitir e a fazer contratos de trabalho com trabalho igual e salário desigual", critica a escritora. "São eles que mandam sempre. Há uma maioria esmagadora de empresas que continua a ter sobretudo os homens à cabeça. Você olha para a Assembleia da República e aquilo é um deserto de mulheres".

#### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

- » "Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwituu  
Geraldina Mwituu combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. (08.04.2014)
- » Otelo, o militar que planeou o 25 de Abril  
Os portugueses tratam-no pelo primeiro nome, Otelo. O ex-militar português planeou e comandou as operações do golpe de Estado de 25 de Abril de 1974. (29.11.2013)
- » Otelo, o português que Samora Machel convidou para ingressar na FRELIMO  
Depois de ajudar a fazer a revolução em Portugal, Otelo bateu-se pela independência dos países africanos de língua portuguesa. Samora Machel disse-lhe inclusive em brincadeira para integrar o movimento. (29.11.2013)
- » "Eles lutavam pela independência, eu estava ali a mais", recorda Vasco Lourenço  
O português foi um dos militares que organizou o golpe de 25 de Abril. Na altura, a guerra colonial não tinha fim à vista. Por isso, o capitão decidiu deitar abaixo o regime em nome do prestígio das Forças Armadas. (22.03.2014)
- » "Tenho muita honra em ter participado na descolonização", diz Mário Soares  
O ex-Presidente português foi o primeiro a pegar na pasta dos Negócios Estrangeiros após a revolução de 25 de Abril. Em entrevista, Soares fala sobre a descolonização e faz o balanço de 40 anos de liberdade em Portugal. (29.11.2013)
- » Cronologia do 25 de Abril e da independência das colónias portuguesas em África  
A História da colonização portuguesa em África começou a escrever-se há quase 600 anos com a conquista de Ceuta. Acompanhe-nos nesta "viagem cronológica" por um longo período que deixou marcas profundas no continente. (17.04.2014)

#### ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

☑ [Ouvir o Contraste "As mulheres da Revolução dos Cravos"](#) 

**Data** 19.04.2014

**Autoria** Guilherme Correia da Silva

**Assuntos relacionados** Portugal

**Palavras-chave** 25 de Abril, Revolução dos Cravos, Portugal, mulheres, Maria Teresa Horta, Maria Barroso, Irene Pimentel, três Marias

**Compartilhar**  Enviar  Facebook  Twitter  g+ google+  Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir**  Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1BTJH>

#### CONTEÚDO RELACIONADO



**Guerra colonial acelerou fim da ditadura portuguesa, diz historiadora** 25.04.2014

"História da Oposição à Ditadura 1926-1974" é o novo livro da investigadora Irene Pimentel. A obra é publicada no conjunto de acontecimentos que assinalam os 40 anos da Revolução dos Cravos em Portugal.

**"A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis** 16.02.2015

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri aquando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação.

**"Tenho muita honra em ter participado na descolonização", diz Mário Soares** 25.04.2014

Ex-presidente português foi o primeiro a assumir os Negócios Estrangeiros após a revolução de 25 de Abril. Em entrevista, Soares fala sobre a descolonização e faz o balanço de 40 anos de liberdade em Portugal.

40 ANOS 25 DE ABRIL E DE INDEPENDÊNCIA

## Cronologia 1415-1961: Da conquista de Ceuta ao início da luta armada contra a colonização

▼ CRONOLOGIA DO 25 DE ABRIL E DA INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS EM ÁFRICA

A História da colonização portuguesa em África começou a escrever-se há quase 600 anos com a conquista de Ceuta. Acompanhe-nos nesta “viagem cronológica” por um longo período que deixou marcas profundas no continente.



O painel de azulejos de Jorge Colaço na Estação de São Bento, no Porto, retrata a conquista de Ceuta, no norte de África

### 1415

#### Expansão marítima portuguesa

A conquista da cidade de Ceuta, hoje um enclave espanhol no norte de África, por tropas portuguesas, a 22 de agosto de 1415, marca o início da expansão marítima portuguesa. A ocupação deste importante centro comercial e de comunicações abriria, assim, caminho para o processo de consolidação das colónias portuguesas na costa africana.

### 1434

#### Reconhecimento da costa africana

O navegador Gil Eanes ultrapassa o Cabo Bojador, na costa do atual Saara Ocidental, que até então era o ponto mais meridional conhecido na costa de África. O arranque das expedições de reconhecimento pela costa africana teve a proteção do Infante D. Henrique. Em 1487, Bartolomeu Dias supera o Cabo das Tormentas, que mais tarde passaria a chamar-se Cabo da Boa Esperança (África do Sul).



O Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, capital portuguesa, presta homenagem aos que estiveram envolvidos nos descobrimentos portugueses, que começaram com a conquista de Ceuta

## 1446

### Portugueses chegam à costa da Guiné

Os portugueses chegam à costa da Guiné, atual Guiné-Bissau, em 1446. Em 1479 é fundada uma feitoria em Cacheu (foto). Portugal estabeleceu uma série de enclaves e feitorias na costa africana para tentar manter o controlo de uma extensa rota marítima. A presença portuguesa em África também foi motivada pela captura de escravos e pela procura de metais preciosos.



Cacheu foi a primeira feitoria portuguesa na Guiné

## 1460

### Descoberta de Cabo Verde

Diogo Gomes e António de Nola descobrem o desabitado arquipélago de Cabo Verde em 1460, quando voltavam da Guiné. Dois anos mais tarde, os primeiros colonos portugueses fixam-se na Ilha de Santiago. Futuramente o arquipélago serviria, sobretudo, como centro de armazenamento de escravos que eram enviados de África para as plantações no continente americano.



A Fortaleza Real de São Filipe, na "Cidade Velha", ilha de Santiago, é a mais antiga fortaleza de Cabo Verde

## 1471-1472

### **Chegada a São Tomé**

Os navegadores João de Santarém e Pedro Escobar descobrem as ilhas de São Tomé e Príncipe, até então desabitadas. A colónia viria a tornar-se num dos primeiros produtores de cacau do mundo. Estas ilhas no Golfo da Guiné passariam também a ser um importante entreposto comercial de escravos.



As ilhas de São Tomé e Príncipe viriam a tornar-se num importante entreposto de escravos para a Coroa portuguesa

## 1479

### **Assinatura do Tratado de Alcáçovas**

O Tratado de Alcáçovas, que pôs fim à guerra da Sucessão em Castela (Espanha), atribuiu a Portugal o senhorio da Guiné, Cabo Verde (foto), Açores e Madeira, além da conquista de Fez (Marrocos). A Espanha é concedido o senhorio das Canárias e a conquista do reino de Granada. A divisão entre a expansão portuguesa e a castelhana passa a ser o paralelo das Canárias.

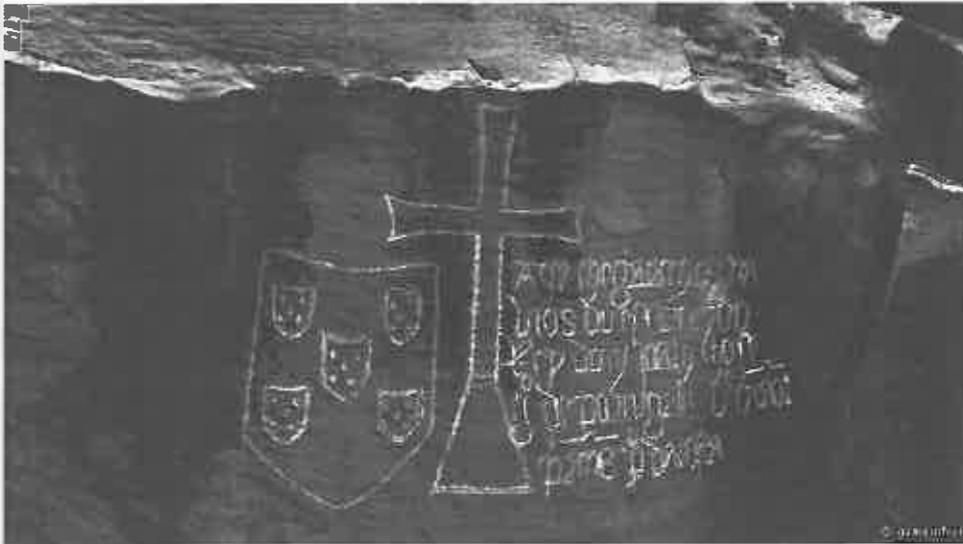


A Fortaleza Real de São Filipe (também conhecida como Forte Real de São Filipe ou Cidadela) foi construída para defender a colónia portuguesa dos ataques ingleses e franceses

## 1482

### Descoberta de Angola

Caravelas portuguesas comandadas pelo navegador Diogo Cão chegam ao estuário do rio Congo em 1482. Seis anos mais tarde, atingiram o então reino de Ngola. O sistema económico colonial em Angola assentaria, sobretudo, no lucrativo comércio de escravos. A maior parte da mão de obra escrava seguia para o Brasil, para a Madeira e para São Tomé. Além dos propósitos de evangelização, durante os vários séculos de colonização Portugal tenta tirar partido comercial do território angolano, extremamente rica em recursos naturais (petróleo, diamantes, ouro, chumbo, volfrâmio, ferro, cobre, etc.).



Diogo Cão avançou pelo interior do rio Congo e deixou uma inscrição para comprovar a sua chegada às cataratas de Ielala

## 1498

### Vasco da Gama em Moçambique

A armada do navegador português Vasco da Gama aporta em Moçambique em 1498, a caminho da Índia. Partindo de Sofala e da Ilha de Moçambique, os exploradores portugueses começam a

estabelecer os primeiros entrepostos comerciais e a conceder terras aos colonos. Em 1537 é estabelecida a feitoria de Tete e, em 1544, a feitoria de Quelimane, local de concentração de escravos. Ouro, prata, pérolas, marfim, especiarias e peles são alguns dos recursos que os portugueses passam a controlar. Em 1898, Lourenço Marques (atual Maputo) passa a ser a capital, em substituição da Ilha de Moçambique, servindo, assim, para escoar os produtos da vizinha África do Sul.



Um dos resultados mais importantes da exploração marítima de Vasco da Gama foi a colonização de Moçambique pela Coroa Portuguesa

## 1500

### Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil

Uma frota comandada pelo navegador português Pedro Álvares Cabral chega ao território onde atualmente se situa o Brasil. Na carta que envia depois ao rei D. Manuel, Pero Vaz de Caminha faz uma descrição detalhada do local, ao qual chamam "Terra de Vera Cruz". O Brasil seria a maior e a mais rica das colônias portuguesas e a primeira a tornar-se independente, em 1822. Ainda em 1500, a armada de Pedro Álvares Cabral prossegue a viagem para a Índia, contribuindo, assim, para o estabelecimento das bases do "Império Português". Dois anos depois, Vasco da Gama realiza a segunda viagem à Índia. Conquista então Calecut e estabelece uma feitoria em Cochim.



O explorador e navegador português Pedro Álvares Cabral, descobridor oficial do Brasil

---

# 1884

## “Mapa Cor-de-Rosa” apresentado em Berlim

O projeto português para unir Angola a Moçambique, denominado “Mapa Cor-de-Rosa”, foi apresentado na histórica Conferência de Berlim. O objetivo de Portugal era controlar uma vasta faixa geográfica que se estendia do Oceano Atlântico ao Índico. A Inglaterra, que pretendia unir o Cairo ao Cabo da Boa Esperança, por linha férrea, discorda do plano. A conferência dividiu África entre os países europeus e estabeleceu a presença local como requisito para a manutenção do domínio. A Grã-Bretanha e a França ficaram com o maior número de territórios. Depois do encontro, tem início a ocupação efetiva das colónias portuguesas Angola (1885) e Moçambique (1887). Ainda em 1884, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens atravessam África, de Luanda a Tete.



O chamado “Mapa Cor-de-Rosa” representava a pretensão de soberania de Portugal sobre os territórios entre Angola e Moçambique

---

# 1933

## Formação do “Estado Novo”

Sob a liderança do general Costa Gomes, desenvolve-se em Braga o golpe de estado fundador da ditadura militar em Portugal. É a partir deste regime autoritário que se estrutura o chamado “Estado Novo”, liderado por António de Oliveira Salazar (foto), que vigora em Portugal até à revolução de 25 de abril de 1974. Assente nos pilares “Deus, Pátria e Família”, a doutrina do regime ditatorial, inspirada no fascismo italiano de Benito Mussolini, é baseada no nacionalismo e no culto da nação. Em outubro é promulgado o “Estatuto Político, Civil e Criminal dos Indígenas de Angola e Moçambique”, que redefine o estatuto dos habitantes das principais colónias. “A essência orgânica da nação portuguesa é desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas” lê-se no Acto Colonial, uma espécie de “Constituição para os territórios de além-mar”, nas palavras do historiador português Oliveira Marques.



Primeira reunião do Conselho de Ministros sob a presidência de António Oliveira Salazar

## 1934

### Tentativa de derrube do Estado Novo

Em janeiro, um grupo formado por civis protagoniza a primeira tentativa revolucionária de derrube do regime. Na sequência do golpe falhado, o regime prendeu e deportou muitos ativistas sindicais e políticos comunistas e anarquistas. Entretanto, o Estado Novo continua a afirmar a sua orientação "imperial" e a sua "missão colonizadora", bem visíveis na I Exposição Colonial Portuguesa inaugurada em junho, no Porto.



O Palácio de Cristal, no Porto, acolheu a I Exposição Colonial Portuguesa em 1934

## 1935

### Carmona "reeleito" Presidente

Óscar Carmona, o candidato único do regime, é "reeleito" Presidente da República em fevereiro. A 1 de maio, ocorrem pela primeira vez em Portugal festejos oficiais do Dia do Trabalho. Em setembro, uma nova tentativa de derrube do regime termina com prisões e deportações. Muitos dirigentes do Partido Comunista Português (PCP), entre os quais o secretário-geral Bento António Gonçalves, são presos pela PIDE no final do ano. Fundado em Lisboa em 1921, o PCP seria considerado ilegal a partir de

1926. O PCP, que teve um papel fundamental na oposição ao regime, foi constantemente perseguido pela PIDE, a polícia política de Salazar. Muitos dos seus membros seriam enviados para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde.



Jovens da Mocidade Portuguesa apresentam a saudação fascista ao Presidente Óscar Carmona

## 1936

### Lei do Condicionamento Industrial

A Lei do Condicionamento Industrial serviu para proteger a indústria portuguesa contra a competição. No entanto, simultaneamente contribuiu para a estagnação tecnológica e para a criação de monopólios. A principal função das colónias africanas era comprar produtos manufacturados em Portugal, como máquinas e conservas, e fornecer matérias-primas, como minérios ou algodão, à metrópole.



Oliveira Salazar durante uma visita à Feira das Indústrias, em Lisboa, 1951

## 1943

### Casa dos Estudantes do Império

Por iniciativa do Governo de Salazar, é fundada em Lisboa a Casa dos Estudantes do Império (CEI).

Esta associação de jovens dos territórios ultramarinos a estudar na metrópole viria a ter um papel fundamental para as lutas de independência. O regime de Salazar pretendia fortalecer a mentalidade imperial entre os estudantes das colónias. No entanto, a CEI despertou neles uma consciência crítica sobre a ditadura e o sistema colonial, assim como a vontade de valorizar as culturas dos povos colonizados. Pela CEI passaram vários líderes africanos como Amílcar Cabral, fundador do PAIGC, Agostinho Neto, o primeiro Presidente de Angola e Marcelino dos Santos, um dos fundadores da FRELIMO. Acusada de servir de base para a realização de atividades de propaganda política contra o Estado português, seria encerrada pela PIDE em 1965.



Uma placa de pedra numa rua de Lisboa lembra os tempos da Casa dos Estudantes do Império, criada durante a ditadura salazarista

## 1946

### Províncias Ultramarinas

Em 1946, Portugal altera a designação de “colónia” para “província ultramarina”. O “Estado Novo” português criou a divisão administrativa para evitar que internacionalmente Portugal fosse considerado uma potência colonial. A primeira colónia portuguesa a adotar o novo estatuto foi a Índia Portuguesa (foto). Angola, Guiné, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Macau e Timor passaram a ter esta designação em 1951. Com a reforma da Constituição em 1951, também a condição de indígena é definida como transitória.



A Índia Portuguesa foi a primeira colónia portuguesa a adotar o novo estatuto de “província ultramarina”

---

## 1953

### Massacre de Batepá

Os portugueses queriam obrigar os negros indígenas de São Tomé e Príncipe a trabalhar nas roças, na produção de cacau e outros produtos para exportação, uma vez que a mão-de-obra trazida de Angola, Moçambique e Cabo Verde não era suficiente. Depois da recusa destes, o Exército português iniciou uma caça aos indígenas que resultou na morte de centenas de pessoas. Os acontecimentos ficaram conhecidos como Massacre de Batepá.



Secagem de cacau numa roça em São Tomé

---

## 1954

### Movimentos de libertação

Nos anos 50 começam a surgir os embriões de importantes organizações políticas. Em 1954 é criada União das Populações do Norte de Angola (UPNA), que em 1958 passa a designar-se União das Populações de Angola (UPA). Em 1962, a UPA e o Partido Democrático de Angola (PDA) constituem a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). O Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) foi fundado em 1956, ano em que Amílcar Cabral criou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC, na foto). Em 1960 surge o Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) e em 1962 é criada a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), que resulta da fusão de três movimentos: União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO), União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) e Mozambique African National Union (MANU). A União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) surgiu em 1966.



Amílcar Cabral (centro) fundou o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) em 1956

## 1957

### Independência do Gana: rastilho da descolonização

A descolonização africana teve início em 1957 com a independência do Gana, antiga Costa do Ouro, que impulsiona os restantes países do continente a lutar pela independência. Kwame Nkrumah (foto), antigo primeiro-ministro e Presidente do Gana, foi um grande defensor da descolonização e um dos fundadores do Pan-africanismo. O principal período da descolonização africana ocorreu entre 1960 e 1970. A Organização das Nações Unidas (ONU) apoia os países colonizados na sua luta contra as potências colonialistas europeias. Até 1968, surgem em África 34 novos Estados independentes. Além das colónias portuguesas, subsistem apenas a Rodésia, o Sudoeste Africano e o Sahara Espanhol.



O antigo primeiro-ministro e Presidente do Gana Kwame Nkrumah, um dos fundadores do Pan-africanismo

## 1958

### Humberto Delgado concorre às presidenciais

Com o apoio da oposição democrática, o general Humberto Delgado concorre como independente às eleições presidenciais de 8 de junho de 1958. O Presidente eleito acabaria por ser o almirante Américo Thomaz, o candidato do regime, mas o "general sem medo" deixa um legado que marcaria o caminho

de Portugal rumo à liberdade. Nesse ano também surge, na clandestinidade, a Junta de Libertação Nacional, movimento político de oposição ao regime. No ano seguinte, a eleição dos presidentes passa a ser indireta e da responsabilidade da Assembleia Nacional.



Comício de Humberto Delgado, candidato à Presidência da República, no Palácio de Cristal, Porto, 1958

## 1959

### Massacre de Pidjiguiti

A 3 de agosto de 1959, estivadores fizeram greve no cais de Pidjiguiti, em Bissau, para reivindicar melhores salários. O protesto foi reprimido pela polícia e resultou na morte de cerca de 50 pessoas. Após o massacre, o PAIGC (foto), que terá estado por detrás da organização da greve, altera a sua estratégia para fugir à repressão do regime português e a consciência nacionalista do partido é reforçada.



Grupo de guerrilheiros do PAIGC na ilha de Como, com os dirigentes Luís Cabral e Vasco Cabral

## 1960

### Nasce o Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe

O Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP) é criado em Accra, Gana, em 1960. O

Governo ganês de Kwame Nkrumah apoia o CLSTP, que mais tarde se instala na República Popular do Congo (Brazzaville), na Guiné Equatorial e no Gabão. Nunca conseguiu iniciar a luta armada em São Tomé e Príncipe. O primeiro secretário-geral foi Tomás Medeiros e o segundo Manuel Pinto da Costa (foto), futuro primeiro Presidente de São Tomé e Príncipe. A partir de 1972 passa a chamar-se Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP).



Manuel Pinto da Costa, que viria a ser o primeiro Presidente de São Tomé e Príncipe, foi o segundo secretário-geral do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP)

## 16 de junho de 1960

### Massacre de Mueda

A 16 de junho de 1960, a vila moçambicana de Mueda, na província de Cabo Delgado, foi palco de uma manifestação de milhares de camponeses que exigiam melhores salários e que terminou com a morte de um número indeterminado de manifestantes. O Massacre de Mueda é considerado um dos últimos episódios de resistência contra o colonialismo português antes do início da guerra em Moçambique, em 1964. Segundo o historiador João Paulo Borges Coelho, constitui "um marco no discurso das forças nacionalistas, uma espécie de ponto de não-retorno a partir do qual se compreendeu que não havia via negociada para a independência." É também a partir de 1960, com as independências que começam a ocorrer em África, que aumenta a contestação à política colonial portuguesa.



A vila de Mueda, na província de Cabo Delgado, foi palco de um massacre 16 de junho de 1960, quando o exército colonial português matou manifestantes que protestavam pacificamente pela independência

---

## 20 de janeiro 1960

### Kennedy assume presidência dos EUA

John F. Kennedy toma posse como 35º Presidente dos Estados Unidos da América (EUA) em 20 de janeiro de 1961. A política dos EUA em relação às colónias portuguesas muda. Em 1961, o Congresso norte-americano decreta um embargo militar contra Portugal, seu aliado na NATO, a Aliança Atlântica.



A nova administração de John F. Kennedy (1961–1963) mostra-se favorável à autodeterminação dos povos sujeitos ao domínio colonial

---

## 22 de janeiro 1961

### Desvio do paquete “Santa Maria”

O ano de 1961 é fatídico para o regime de Salazar. Logo a 22 de janeiro, o capitão Henrique Galvão (à dir. na foto) lidera um comando de 23 revolucionários que assalta o navio português “Santa Maria”, no mar das Caraíbas. Os idealizadores da “Operação Dulcineia”, levada a cabo em colaboração com o general Humberto Delgado (à esq. na foto), não chegaram a assumir o poder em Angola como tinham previsto, mas conseguiram chamar a atenção da comunidade internacional para a situação política de Portugal. No mesmo mês, Adriano Moreira, ministro do Ultramar (1961-62) acaba com o Estatuto dos Indígenas. Pelo menos no papel, todos são iguais perante a lei. O Código do Trabalho Rural pretende acabar com o trabalho obrigatório. Em Angola assiste-se à sublevação do Vale do Massanga contra a Cottonang, companhia belga de produção de algodão, por falta de pagamento dos salários aos trabalhadores. O Exército e a Força Aérea reprimem a revolta, causando um massacre.



Humberto Delgado (à esq.) e Henrique Galvão a bordo do paquete "Santa Maria", sequestrado em sinal de protesto contra o regime calazarista

#### BIBLIOGRAFIA:

Cervelló, Josep Sánchez, *A Revolução Portuguesa e a sua Influência na Transição Espanhola (1961-1976)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.

Marques, A. H. Oliveira, *Breve História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 2006.

Rodrigues, António Simões (coordenador), *História de Portugal em Datas*, Lisboa, Temas e Debates, 2000 (3ª edição).

#### Agradecimento especial:

Casa Comum (Fundação Mário Soares)

#### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

---

##### » Cronologia 1961-1969: Início da Guerra Colonial e viragem no destino das colónias

O apego de Portugal pelas suas colónias durou séculos mas a partir de 1961 eclode a Guerra do Ultramar. Os movimentos a favor da independência dos territórios ultramarinos acabariam por ganhar força. (10.12.2013)

---

##### » Cronologia 1970-1974: Da intensificação da luta armada à Revolução dos Cravos

A partir de 1970, a luta armada dos independentistas intensifica-se. O regime do Estado Novo, a mais antiga ditadura europeia, acabaria por ser deposto a 25 de abril de 1974, abrindo caminho para a descolonização. (11.12.2013)

---

##### » Cronologia 1974-2002: Das independências ao fim da guerra em Moçambique e Angola

Depois da Revolução dos Cravos, sucedem-se as independências das colónias portuguesas. Logo em 1975, os movimentos angolanos iniciam um conflito armado pelo controlo do país. A guerra civil dura até o ano de 2002. (11.12.2013)

---

Data 10.12.2013

---

Autoria Madalena Sampaio

---

Assuntos relacionados Portugal

---

Palavras-chave África, cronologia, colonização, colonização portuguesa, independências, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe

---

Compartilhar Enviar Facebook Twitter g+ google+ Mais

---

Feedback : Comentário

---

Imprimir Imprimir a página

CONTEÚDO RELACIONADO



**Como transmitir memórias da luta de libertação às novas gerações?** 26.05.2015

Protagonistas da Casa dos Estudantes do Império, extinta há 50 anos, defendem a preservação das memórias da luta contra a colonização. Pedem mais investigação sobre esse património e o ensino desse período nas escolas.



**O papel da literatura na luta de libertação em África**

22.05.2015

Como é que a escrita e a literatura contribuíram para a mobilização e a emancipação política na luta pela independência das ex-colónias portuguesas em África? A DW foi saber o que pensam alguns escritores lusófonos.



**Parceiros da DW África**

19.05.2015

A DW Português para África mantém uma rede de estações parceiras que retransmitem partes dos nossos programas ou os programas na íntegra. Também temos convénios com páginas online e operadores de TV por cabo.

40 ANOS 25 DE ABRIL E DE INDEPENDÊNCIA

## Cronologia do 25 de Abril e da independência das colónias portuguesas em África



Encontro dos presidentes dos PALOP depois das independências - da esquerda à direita: Samora Machel (Moçambique), Aristides Pereira (Cabo Verde), Agostinho Neto (Angola), Manuel Pinto da Costa (São Tomé e Príncipe) e Luís Cabral (Guiné-Bissau)

A História da colonização portuguesa em África começou a escrever-se há quase 600 anos com a conquista de Ceuta. Acompanhe-nos nesta "viagem cronológica" por um longo período que deixou marcas profundas no continente.

### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

#### » 1415-1961: Da conquista de Ceuta ao início da luta armada

A História da colonização portuguesa em África começou a escrever-se há quase 600 anos com a conquista de Ceuta. Acompanhe-nos nesta "viagem cronológica" por um longo período que deixou marcas profundas no continente. (10.12.2013)

#### » 1961-1969: Início da Guerra Colonial e viragem no destino das colónias

O apego de Portugal pelas suas colónias durou séculos, mas a partir de 1961 eclode a Guerra do Ultramar. Os movimentos a favor da independência dos territórios ultramarinos acabariam por ganhar força. (10.12.2013)

#### » 1970-1974: Da intensificação da luta armada à Revolução dos Cravos

A partir de 1970, a luta armada dos independentistas intensifica-se. O regime do Estado Novo, a mais antiga ditadura europeia, acabaria por ser deposto a 25 de abril de 1974, abrindo caminho para a descolonização. (11.12.2013)

#### » 1974-2002: Das independências ao fim das guerras civis

Depois da Revolução dos Cravos, sucedem-se as independências das colónias portuguesas. Logo em 1975, os movimentos angolanos iniciam um conflito armado pelo controlo do país. A guerra civil dura até o ano de 2002. (11.12.2013)

#### » Especial: 40 anos 25 de Abril e de independência

Especial da DW África "40 anos 25 de Abril e de independência"

---

Data 17.04.2014

---

Assuntos relacionados Portugal

---

**Palavras-chave** África, cronologia, colonização, colonização portuguesa, independências, Portugal, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, 25 de abril, 25 de abril de 1974, Revolução dos Cravos

---

Compartilhar  Enviar  Facebook  Twitter  google+  Mais

---

Feedback : Comentário

---

Imprimir  Imprimir a página

---

Link permanente <http://dw.de/p/1AXWc>

---

#### CONTEÚDO RELACIONADO



**Como transmitir memórias da luta de libertação às novas gerações?** 26.05.2015

Protagonistas da Casa dos Estudantes do Império, extinta há 50 anos, defendem a preservação das memórias da luta contra a colonização. Pedem mais investigação sobre esse património e o ensino desse período nas escolas.



**O papel da literatura na luta de libertação em África** 22.05.2015

Como é que a escrita e a literatura contribuíram para a mobilização e a emancipação política na luta pela independência das ex-colónias portuguesas em África? A DW foi saber o que pensam alguns escritores lusófonos.



**"A independência é um património de todos", lembra Carlos Reis** 10.02.2015

O ex-combatente Carlos Reis ensinou na Escola-Piloto do PAIGC. E estava em Conacri aquando da invasão portuguesa, em 1970, e da morte de Cabral, dois momentos marcantes na vida do antigo ministro da Educação.

---

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

## Massacre de Batepá despertou Leonel Mário d'Alva para a luta independentista

Primeiro-ministro do Governo de transição investido em 1974, Leonel Mário d'Alva foi um dos fundadores do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe. O massacre de 1953 impulsionou a criação da organização política.



Leonel Mário d'Alva foi um dos fundadores do Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe (CLSTP), juntamente com nomes como Cícero Santiago, Nazaré Mendes, Pedro Rita Vaz de Alcântara, Armindo d'Alva Ribeiro, Junqueira d'Alva, Guadalupe de Ceita e Miguel Trovoada.

O massacre de Batepá, como ficou conhecido o massacre ocorrido a 3 de fevereiro de 1953, serviu de elemento impulsionador para a criação desta organização política. A onda de repressão desencadeada pelo então governador Carlos Gorgulho resultou num número indeterminado de mortos.

Nacionalista por convicção, Leonel Mário d'Alva e o CLSTP recebiam as influências independentistas que chegavam do continente e preconizavam a independência das ilhas. O Comité era o movimento que funcionava na clandestinidade devido à máquina opressora da PIDE, a polícia política portuguesa.

Nesta entrevista à DW África, Leonel Mário d'Alva, que viria a ser primeiro-ministro do Governo de transição, entre 21 de dezembro de 1974 e 12 de julho de 1975, relembra os acontecimentos que estiveram na origem do CLSTP e que culminaram com a independência do país em 1975.

**DW África:** O massacre de 1953 é visto por muitos como o momento cristalizador para o nacionalismo são-tomense. Como é que reagiu a este massacre?

**Leonel Mário d'Alva (LMD):** Quando houve esse massacre, em 1953, eu ainda era estudante do secundário e estava em Angola. Fui informado pelo reitor da escola de que houve um massacre em São Tomé e que morreu muita gente. Entre as vítimas mortais estavam parentes meus.

Senti uma dor muito grande. Quando regresssei a São Tomé, em 1956, vi que de uma

Ouçã a entrevista a Leonel Mário d'Alva

maneira em geral o povo de São Tomé e Príncipe estava muito chocado com o massacre e queria procurar uma alternativa à colonização. Pensamos que para isso era preciso criar uma organização política cujo

objetivo principal seria informar o povo da necessidade de nos engajarmos no processo da luta pela independência.

Podemos considerar que o massacre de 1953 foi, efetivamente, uma etapa que levou os são-tomenses a terem consciência de que a sua luta não deveria ser apenas pela igualdade dos direitos cívicos, mas também pela independência completa do país.

**DW África:** Quando começa esse movimento de libertação de São Tomé e Príncipe, com o CLSTP, um pouco por toda a África vivia-se um momento de libertação. Chegavam a São Tomé e Príncipe notícias sobre o que acontecia nos outros países? Isso foi um incentivo extra para os são-tomenses almejarem a independência do país?

**LMD:** Ainda me recordo que quando o Gana se tornou independente, em 1957, Kwame Nkrumah, que era o Presidente naquela altura, fez uma declaração dizendo que o Gana não se consideraria independente enquanto os outros países africanos não fossem independentes. Isso foi uma das coisas que me entusiasmou muito. E disse para mim próprio: Se o Gana se tornou independente porque que é que nós não?

Houve muitos acontecimentos em África. Por exemplo, em Conacri, quando o general Charles de Gaulle perguntou aos antigos países que eram colonizados pela França se queriam a independência ou se preferiam ficar na comunidade. Sékou Touré aconselhou a população e o seu partido a votarem contra a comunidade e a preferirem a independência. Isso também nos fez compreender que as coisas estavam a mudar para África e que África estava disposta a assumir, não obstante as dificuldades que teria que atravessar, o seu papel nesse mundo de lutar também pela dignidade dos povos africanos.

**DW África:** Esse movimento, que começa em finais da década de 1950 e princípio de 1960, foi inicialmente um movimento muito restrito, muito fechado, de um certo grupo considerado privilegiado e não um movimento nacional. Considera que foi isso mesmo que aconteceu?



Kwame Nkrumah, antigo primeiro-ministro e Presidente do Gana

**LMD:** Sim, isso aconteceu devido à natureza do regime. Porque naquele tempo era o regime do Estado Novo. Havia uma ditadura muito forte, uma polícia política muito forte, a PIDE, e também muitos outros tipos de polícia, como a Polícia de Segurança Pública e a Polícia Militar. Naquele tempo não era possível ter um movimento muito amplo porque se as autoridades coloniais soubessem, fariam uma grande repressão. Portanto, o grupo era muito restrito e constituído sobretudo por pessoas de muita confiança.

**DW África:** Como é que foi possível "driblar" essa segurança, esse sistema e criar o CLSTP?

**LMD:** O grupo era clandestino, havia um comité diretivo e este comité estava organizado por células em várias zonas do país. E as pessoas que sabiam o que se passava eram pessoas de muita confiança. Por exemplo, nós não podíamos fazer reuniões em massa para informar, pois naquele tempo considerava-se um crime o querer criar uma organização reivindicando a independência. Naquele tempo também todas as reuniões eram proibidas e quando tinham que acontecer era preciso pedir para fazer as reuniões. Portanto, tinha que ser um grupo muito restrito e um grupo com carácter clandestino.

**DW África:** O CLSTP deixa São Tomé e Príncipe e cria células também no estrangeiro.

Muitas das reuniões foram realizadas no Gabão e na Guiné Equatorial. Como é que o CLSTP conseguiu fundar também as suas bases no estrangeiro?

LMD: As pessoas iam saindo de São Tomé e Príncipe. Naquela altura as viagens eram feitas sobretudo de barco. Iam para o Gabão, Gana e Guiné Equatorial. Também iam através de Portugal e de França e de lá seguiam para muitos países africanos.



Trabalhadores contratados numa plantação em São Tomé e Príncipe

DW África: O CLSTP acaba depois por transformar-se no MLSTP. A que se deveu esta mudança?

LMD: O CLSTP transformou-se no Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) numa conferência feita em Malabo (capital da Guiné-Equatorial), em 1972. Essa transformação ocorreu porque entraram mais elementos e a organização passou de um nível para outro. Portanto, em vez de ser apenas um comité de libertação passou-se ao MLSTP. É necessário frisar que nessa reunião realizada em Malabo houve uma reconciliação entre os diversos grupos, como o CLSTP do Gana e o CLSTP do Gabão. Naquela reunião conseguimos ultrapassar, em certa medida, algumas divergências que vinham nos membros e fundir todos no movimento só que é o MLSTP.

DW África: O CLSTP foi muitas vezes um movimento que devido à força repressiva que existia em São Tomé que não estava muito no terreno. Como é que o movimento consegue sair da clandestinidade e passar para a mobilização do povo são-tomense?

LMD: O movimento tornou-se muito mais amplo só depois do 25 de Abril de 1974 porque depois da Revolução dos Cravos houve uma mudança radical em Portugal. O regime da ditadura que existia foi deposto pelo movimento do 25 de Abril e esse movimento proclamou o direito de realizar reuniões, o direito às reivindicações. Então, o MLSTP aproveitou esse momento para mandar os seus membros para São Tomé e Príncipe. Nesta fase já se conseguia fazer reuniões abertamente, já se podia reivindicar a independência, já se podia fazer greves. E com esta base conseguiu-se mobilizar muito mais objetivamente a população de São Tomé e Príncipe de modo a que esta pudesse reivindicar a independência nacional.

DW África: Apesar de ter um nome parecido com a sua congénere em Angola, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), em São Tomé e Príncipe, o MLSTP nunca pensou em fazer da luta pela independência uma luta armada. Porquê?

LMD: Muitos militantes do CLSTP/MLSTP preconizavam a luta armada, mas a posição que teve mais sucesso foi a luta política. São Tomé e Príncipe é uma pequena ilha com difícil acesso e os países que estão mais próximos não eram muito favoráveis à luta armada. E também não é muito o espírito do são-tomense organizar a luta armada.

DW África: Como é que vê o papel que a Associação Cívica Pró-MLSTP teve na luta pela



Leonel Mário d'Alva foi primeiro-ministro do Governo de transição investido em 1974

independência de São Tomé e Príncipe?

**LMD:** A Associação Cívica foi uma organização que o MLSTP criou na altura para esclarecer e informar a população sobre a independência de São Tomé e Príncipe para que o povo pudesse reivindicar a sua importância. Essa associação teve um papel importante porque naquela altura os colonos estavam em São Tomé e Príncipe. Sobretudo os que tinham roças estavam armados e estavam dispostos a confrontar toda a reivindicação para a independência. A Associação Cívica participou, juntamente com muitos elementos da população, no desarmamento desses colonos que estavam nas roças e também participou, de uma maneira geral, na mobilização.

**DW África:** Houve um momento em que o MLSTP, ao regressar a São Tomé e Príncipe antes da independência, temeu um pouco o poder que a Associação Cívica tinha conseguido terreno e que esse poder e a capacidade de mobilização poderiam, de alguma forma, levá-los ao poder e não os dirigentes do MLSTP para os quais trabalhavam. Acredita que essa tenha sido a realidade em 1974?

**LMD:** Não. Em 1974/75 já tínhamos assinado o Acordo de Argel que estabelecia o esquema, o prazo e as condições para a independência de São Tomé e Príncipe. E o MLSTP achava que se devia respeitar o Acordo de Argel e cumprir os termos, mas não cumprir aquilo que a Associação Cívica preconizava e que não estava no acordo. Por exemplo, a dissolução do exército. Os dirigentes do MLSTP não aceitavam e achavam que deveriam seguir o que estava no Acordo de Argel.

**DW África:** LMD: Então porque que se dá essa ruptura entre a Associação Cívica e o MLSTP?

**LMD:** Por causa disso. Havia condições previstas no Acordo de Argel e pensavam que se deveria implementar aquilo que preconizavam. Daí essa ruptura.



Instalações de uma roça em São Tomé e Príncipe

**DW África:** Como é que os são-tomenses receberam a notícia da assinatura do Acordo de Argel a 26 de Novembro de 1974? Era já a confirmação de que a independência estava próxima?

**LMD:** Sim. Quando houve o Acordo de Argel houve uma grande satisfação do povo são-tomense. Nós, os membros do MLSTP da altura - hoje já não faço parte do partido - comunicamos à população sobre o Acordo de Argel. Recebíamos várias comunicações de que as pessoas queriam ouvir o acordo. Pedimos ao Governo gabonês que, através da sua rádio em Libreville, nos deixasse transmitir o acordo

na íntegra. As pessoas ficaram muito satisfeitas sabendo que iriam tornar-se independentes e as próprias condições para a independência de São Tomé e Príncipe.

**DW África:** A 12 de julho de 1975, o povo de São Tomé e Príncipe pôde finalmente hastear a sua bandeira e ouvir o hino nacional pela primeira vez. Qual foi o sentimento quando se declarou São Tomé e Príncipe independente?

**LMD:** Depois do Acordo de Argel houve a constituição de um acordo de transição. Esse Governo foi preconizado para ter uma duração de seis meses, durante a qual foi preparada a independência de São Tomé e Príncipe. E no dia da independência houve uma grande satisfação, houve muitos convidados de muitas partes do mundo. Foi efetivamente uma grande festa no dia 12 de julho de 1975.

**DW África:** Passados 39 anos acredita que, apesar de se ter conseguido a independência em 1975, podemos considerar São Tomé e Príncipe um país independente como era preconizado naquela altura?

**LMD:** Hoje em dia nós não podemos dizer que há países completamente independentes. Nós estamos numa fase das relações económicas internacionais de uma grande interdependência. São Tomé e Príncipe tem as suas dificuldades, é muito interdependente, mas julgo que já ultrapassou algumas fases e muitas coisas foram feitas para melhorar as condições de vida do povo são-tomense.

#### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

##### » "Há novos colonos em São Tomé", diz Filinto Costa Alegre

Filinto Costa Alegre, um dos fundadores da Associação Cívica Pró-MLSTP, define-se como "um combatente da liberdade". Foi este o espírito que o motivou a querer servir o país e a libertá-lo do jugo colonial português. (24.09.2014)

##### » Guadalupe de Ceita lamenta não ter podido transformar São Tomé

Guadalupe de Ceita, um dos sobreviventes da luta pela independência nacional, abraçou a causa ainda jovem. O médico formado em Portugal tinha o sonho de transformar São Tomé e Príncipe num país onde desse gosto viver. (31.10.2014)

##### » Sonho de José Fret Lau Chong era ver São Tomé livre da exploração

Foi a violação dos direitos humanos perpetrada pelos colonos portugueses nas ilhas são-tomenses durante a exploração das roças de cacau e de café que levou José Fret Lau Chong a abraçar a luta pela independência. (25.09.2014)

#### ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

🔊 Ouça a entrevista a Leonel Mário d'Alva 🔊

**Data** 23.09.2014

**Autoria** Edlena Barros (São Tomé)

**Palavras-chave** Leonel Mário d'Alva, São Tomé e Príncipe, independência, libertação, CLSTP, MLSTP

**Compartilhar** 📧 Enviar **f** Facebook **t** Twitter **g+** google+ **≪** Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir** 🖨️ Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1DH4r>

#### CONTEÚDO RELACIONADO



**Como transmitir memórias da luta de libertação às novas gerações?** 26.05.2015

Protagonistas da Casa dos Estudantes do Império, extinta há 50 anos, defendem a preservação das memórias da luta contra a colonização. Pedem mais investigação sobre esse património e o ensino desse período nas escolas.

**O papel da literatura na luta de libertação em África** 22.05.2015

Como é que a escrita e a literatura contribuíram para a mobilização e a emancipação política na luta pela independência das ex-colónias portuguesas em África? A DW foi saber o que pensam alguns escritores lusófonos.

**Guadalupe de Ceita lamenta não ter podido transformar São Tomé**

31.10.2014

Guadalupe de Ceita, um dos sobreviventes da luta pela independência nacional, abraçou a causa ainda jovem. O médico formado em Portugal tinha o sonho de transformar São Tomé e Príncipe num país onde desse gosto viver.

MOÇAMBIQUE

## O papel da literatura na luta de libertação em África

Como é que a escrita e a literatura contribuíram para a mobilização e a emancipação política na luta pela independência das ex-colónias portuguesas em África? A DW foi saber o que pensam alguns escritores lusófonos.



Moçambique tornou-se independente de Portugal em 25 de junho de 1975

António Trabulo é autor de uma dúzia de livros, alguns sobre as vivências em Angola no tempo colonial. O médico português acaba de publicar "A Guerra da Guiné" – um olhar isento para tentar compreender com serenidade as razões do conflito que antecedeu a independência da Guiné-Bissau.

Tendo passado por Coimbra, uma espécie de berço do Movimento Literário Juvenil, que congregava jovens estudantes oriundos das colónias portuguesas em África, Trabulo sublinha o papel que a escrita desempenhou no processo para a autodeterminação e independência dos respetivos povos.

"A literatura e outras formas de cultura são fundamentais para o desenvolvimento de uma consciência política. Todos os estudantes de Coimbra naquele tempo leram a literatura marxista, a literatura revolucionária ligada a Léopold Senghor e à negritude e também Frantz Fanon. A minha república funcionou, de certo modo, como um viveiro de quadros", recorda o autor.

### Libertação política

A literatura cumpriu a sua função. Desempenhou um papel fundamental, contribuindo positivamente para a luta de libertação política, reconhece Delmar Gonçalves, da Associação dos Escritores Moçambicanos na Diáspora.

"Havia os proto-nacionalistas e os nacionalistas. Os primeiros já escreviam sobre esta questão da possível luta pela independência", refere. "Primeiro uma tentativa de luta pacífica para a conquista da independência e, caso não fosse possível, a única via seria a luta armada. Foram os intelectuais que falaram primeiramente nisso."

Delmar Gonçalves lembra também muitos dos escritores moçambicanos das gerações mais velhas, que viveram nos anos 60, já passavam a mensagem aos mais novos de que era preciso, de facto, fazer



Delmar Gonçalves, da Associação dos Escritores Moçambicanos na Diáspora

alguma coisa no sentido da mudança. "Nos anos 60, muitos dos textos que aparecerem depois da independência já tinham sido escritos nessa altura e andavam a ser difundidos clandestinamente nas cidades pelos intelectuais moçambicanos ou por aqueles que sentiam a moçambicanidade antes da independência".

Embora também não tenha vivido esse período, Dulce Braga, escritora luso-afro-brasileira não tem dúvidas sobre o contributo da literatura.

"Sempre se provocaram grandes revoluções, que tiraram pessoas de ditaduras, do escravagismo, através da cultura e das letras", afirma.

"A literatura é, sem dúvida, uma das formas mais importantes para promover esse tipo de revolução e de consciencialização", defende a autora, que na próxima semana publica "Ndapandula Mama África" e "Sabor de Maboque", dois títulos sobre a influência da cultura angolana no Brasil.

### Geração pós-independência

"Naquela altura, a literatura desempenhou um papel bastante importante, como desempenha ainda hoje", concorda o jovem escritor são-tomense Orlando Piedade, que nasceu em 1974, pouco antes do 25 de Abril, data da Revolução dos Cravos em Portugal. Atualmente, lembra, "temos liberdade de expressão e respeitando os outros podemos dizer aquilo que nos vai na alma, mas naquela altura não foi bem assim."

Já Delmar Gonçalves considera que é necessário aprofundar os estudos sobre aquele período histórico para a formação da jovem geração do pós-independência. Até porque há muita gente que não conhece a verdadeira dimensão do que é ser independente.

"É importante que os jovens olhem para trás e tirem daí uma lição. Os nossos antepassados, os nossos pais tiveram de lutar para nós termos essa possibilidade que agora nos é oferecida, de termos o que quisermos, de lutarmos por um futuro melhor". defende o membro da Associação dos Escritores Moçambicanos na Diáspora.



Orlando Piedade, escritor são-tomense

A DW África registou estes depoimentos à margem do 4º Encontro com Escritores Lusófonos, que decorreu esta quinta-feira (21.05), em Lisboa. Um evento promovido em parceria com a Casa de Angola no âmbito do Festival da Lusofonia, na semana em que decorrem vários eventos na capital portuguesa em homenagem à Casa dos Estudantes do Império e do seu contributo para a liberdade dos países africanos de língua portuguesa.

O papel da literatura na luta de libertação em África

MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

» A luta pela independência de Angola travada a partir de Portugal

O Movimento Associativo Estudantil, que nos anos 1950 e 1960 desafiou o regime colonial de Salazar, foi importante na mobilização de consciências nacionalistas impulsionadoras das lutas pela independência dos PALOPs. (05.03.2015)

» **Documentário retrata jovens que recusaram combater em África**

Entre 1961 e 1974, 100 mil jovens abandonaram Portugal para fugir à guerra colonial. Alguns contam a sua história no filme "Guerra ou Paz", do realizador português Rui Simões, que também se recusou a combater em África. (04.02.2015)

» **Homenagem à Casa dos Estudantes do Império**

Um colóquio internacional, debates, reedições de livros e uma exposição estão a ser promovidas pela União das Cidades Capitais de Língua portuguesa, para homenagear a Casa dos Estudantes do Império. (28.10.2014)

» **Casa dos Estudantes do Império: berço de líderes africanos em Lisboa**

Criada durante a ditadura salazarista, a Casa dos Estudantes do Império devia apoiar e controlar estudantes das colónias. Não conseguiu o controlo e a Casa teve um papel fundamental para as lutas de independência. (13.10.2012)

ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

▣ **O papel da literatura na luta de libertação em África** ▣

**Data** 22.05.2015

**Autoria** João Carlos (Lisboa)

**Assuntos relacionados** Filósofos alemães, Portugal

**Palavras-chave** África, Portugal, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, lusofonia, independência, colonialismo, colónias, literatura, escritores, CEI, Casa dos Estudantes do Império, António Trabelo, Delmar Gonçalves, Orlando Piedade, Dulce Braga

**Compartilhar** [↗](#) Enviar [f](#) Facebook [t](#) Twitter [g+](#) google+ [←](#) Mais

**Feedback** : Comentário

**Imprimir** [🖨](#) Imprimir a página

**Link permanente** <http://dw.de/p/1FUHE>

CONTEÚDO RELACIONADO



**Como transmitir memórias da luta de libertação às novas gerações?** 26.05.2015

Protagonistas da Casa dos Estudantes do Império, extinta há 50 anos, defendem a preservação das memórias da luta contra a colonização. Pedem mais investigação sobre esse património e o ensino desse período nas escolas.



**Homenagem à Casa dos Estudantes do Império**

28.10.2014

Um colóquio internacional, debates, reedições de livros e uma exposição estão a ser promovidas pela União das Cidades Capitais de Língua portuguesa, para homenagear a Casa dos Estudantes do Império.



**Cronologia 1415-1961: Da conquista de Ceuta ao início da luta armada contra a colonização**

10.12.2013

A História da colonização portuguesa em África começou a escrever-se há quase 600 anos com a conquista de Ceuta. Acompanhe-nos nesta "viagem cronológica" por um longo período que deixou marcas profundas no continente.



MOÇAMBIQUE

## Vicente Berenguer Llopis, “o padre branco de coração negro”

Mudou-se para Moçambique em 1967. Ia pregar o Evangelho, mas a sua missão acabou por ir mais longe: o missionário espanhol apostou na educação como forma de combater a pobreza e denunciou o Massacre de Wiriyamu.



Quando chegou a Moçambique, Vicente Berenguer instalou-se na província central de Tete, mais tarde mudou-se para a capital, Maputo, e hoje vive na vila de Ressano Garcia, na fronteira com a África do Sul.

Em Moatize, Tete, apercebeu-se de que a maioria dos moçambicanos com quem tinha contacto tinha concluído apenas a quarta classe e que grande parte era analfabeta. Começava assim o seu envolvimento na educação: na vila carbonífera mandou construir o primeiro liceu.

Nos anos 1970, Berenguer enfrentou as políticas colonialistas portuguesas que excluía a população negra não assimilada, foi interrogado diversas vezes pela PIDE, a polícia política portuguesa, e convidado a deixar Moçambique. O povo, esse, confiava nele, diz o padre espanhol.

**DW África:** Alguns moçambicanos vêem-no como o “padre branco de coração negro”. Como interpreta esta alcunha?

**PV:** Eu estava na missão de Changara, a FRELIMO [Frente de Libertação de Moçambique] descia já das zonas do norte de Mucumbura para a zona de Changara e começou a ter contactos tanto com a missão como com a população, era um sistema que utilizavam. Então, um dia numa aldeia, Cancuni, havia um grupo de homens que eu conhecia a falar e quando eu cheguei, eles fecharam a boca todos. O velho Zoni utilizou esta frase: “mas por que fechámos a boca se o padre Vicente é branco, mas o coração dele é preto como o nosso?” Queria dizer: „ele está a sentir como moçambicano”.

Ouçá a entrevista a Vicente Berenguer Llopis

**DW África:** Como alguém de fora, como espanhol, a quem a independência de Moçambique não dizia

diretamente respeito,  
como começou a  
interessar-se por **essa**  
causa?

PV: Eu acho que [perante]  
qualquer injustiça, seja dada  
onde for, ainda que não seja

no nosso país, somos obrigados a defender os direitos das pessoas. Via-se claramente que este povo tinha o direito à independência. Portanto, ainda que eu fosse espanhol, estava a trabalhar aqui e tinha de me inteirar dos direitos deste povo.

**DW África:** E chegou a levantar a voz de forma direta em prol dessa causa. Quando começou essa sua postura ativa?

PV: Não podemos dizer que houve um momento determinado em que levantámos a voz. Talvez tenha sido o dia-a-dia do nosso trabalho em que alguém podia reparar que nós realmente estávamos a favor da independência. Houve certos momentos em que tivemos de nos pronunciar. Houve uma reunião famosa entre os padres brancos e, sim, declarámos abertamente que este povo tinha o direito à independência. “Vamos ser expulsos, mas por enquanto podemos trabalhar aqui dentro, ainda consciencializando muitas coisas.” Então, os padres brancos optaram por fazer uma declaração. Quando colocaram um avião no aeroporto da Beira, penso que 44 foram expulsos. Nós continuámos a trabalhar aqui fazendo tomar consciência da realidade deles, do orgulho da própria cultura, do ser moçambicano, do ser africano e daqueles direitos que tinham a ser um povo independente e a levar-lhes a renda da nação deles.

**DW África:** O que é que distinguiu o seu dia-a-dia durante a época da luta de libertação de uma época em que não houvesse luta armada?

PV: Era uma vida mais tensa. Porque não podemos esquecer que nós estávamos rodeados por um exército português, estávamos rodeados por uma PIDE, estávamos rodeados por muitos portugueses que se sentiam feridos quando se falava dos direitos deste povo. Então, era uma tensão constante.

Eu fui interrogado pela PIDE x vezes. Eles encontravam, por exemplo, medicamentos de origem espanhola em bases que eles atacavam ou em aldeias. E perguntavam-me se eu conhecia. Sim, eu conhecia, “fui eu que entreguei.” “Então, o senhor entregou à FRELIMO.” “Não, eu entreguei à população. Nunca vi escrito na cabeça de ninguém: FRELIMO. Eu entrego à população, mesmo mantas e tudo isso.”

Uma vez eu fui mais para o interior e a tropa portuguesa estava a recolher as pessoas para irem para os aldeamentos e eu fui apanhado pela tropa portuguesa. Então, queriam que eu voltasse e eu disse: “Preso eu vou. Agora se não vou preso, eu continuo o trabalho por aqui.” Havia aquela concordata, era muito difícil eles prenderem-te sem uma causa muito, muito clara. Então, as vezes em que fui interrogado pela PIDE, em Tete, foi simplesmente à base de suspeitas.

**DW África:** Que consequências tinham esses interrogatórios?

PV: [Os interrogatórios mostravam que] realmente estávamos a ser vigiados. Mesmo dentro de grupos de moçambicanos havia pessoas que podiam participar à PIDE partes da tua vida e do teu trabalho.

**DW África:** No dia 16 de dezembro de 1972, as tropas portuguesas atacaram três aldeias na província de Tete: as povoações de Chawola, Juwau e Wiryamu. Os sobreviventes do massacre, que ficou conhecido como Massacre de Wiryamu, relataram



Vídeo da entrevista a Vicente Berenguer Llopis  
(Flash)

os acontecimentos a missionários espanhóis. Um deles foi o senhor...

**PV:** Eu ia de machibombo de Changara até Tete. E quando passámos por essas aldeias, estavam todas em chamas e toda a gente estava a correr para a estrada. Parámos aí, a gente berrava e dizia que estavam a ser mortos, chacinados, bombardeados e foram subindo para o machibombo até não caberem mais e fomos até Tete. Outros foram a pé e como puderam fugir. Tete não fica tão longe de Wiriyamu. Portanto, eu fui, diríamos, testemunha, porque vi as chamas e ouvi aquelas pessoas.

**DW África:** Denunciou o Massacre de Wiriyamu a nível internacional. Como fez a denúncia?

**PV:** Quando Marcelo Caetano visitou a Inglaterra, Hasting publicou este relatório que fizemos, cada um colaborou no que podia, uns com nomes, outros com ideias. Bom, negaram que isso fosse real e negaram mesmo a existência de Wiriyamu. E através da Justiça e Paz fomos à Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra. Então, aí denunciámos através da televisão, através de palestras, através de tudo. Pedimos que viesse aqui uma comissão ver que Wiriyamu existia e que os massacres tinham sido realizados e que as centenas de pessoas ainda estavam lá. Na Holanda, o cardeal Alfrink imediatamente telefonou para Roma e a igreja mexeu-se muito neste sentido e os políticos também.

**DW África:** Há historiadores que consideram que este massacre mudou o rumo da guerra colonial. Concorda?

**PV:** Bom, eu pessoalmente acho que não. Eu acho que isto estava a cair já, mesmo a tropa estava desanimada, podia haver dirigentes do exército fortes, mas o que eu via com os soldados portugueses, eles estavam desanimados, diziam que isto não era para eles, era a ganância económica de alguém, não era para eles nem para Portugal. Eu acho que isto estava a decair já. Antes já tinha havido importantes massacres, em Mucumbura, Inhaminga. Só que este de Wiriyamu passou para fora. E aproveitou-se também a ida de Marcelo Caetano ao exterior e [teve mais projeção], mas eu acho que já se estavam a preparar. Só que, enquanto Mucumbura estava a 300km de Tete, Wiriyamu estava às portas de Tete. E a cidade de Tete corria perigo. E o mundo ficou escandalizado quando [os relatórios] foram publicados.



Operações de guerra do exército português no norte de Moçambique (1968)

**DW África:** Acha que ainda existem feridas na população moçambicana relacionadas com a guerra de libertação?

**PV:** Não. eu acho que a FRELIMO sempre soube explicar muito, muito bem que a guerra não era contra os portugueses, era contra o exército português, o Governo português. Portanto, eu acho que não houve feridas, diríamos assim. Se há alguma ferida, pode ser daqueles mais extremistas, no sentido de racistas, ao ver que aqui há brancos moçambicanos com todos os direitos, de quatro, cinco, seis gerações, podem sentir-se um bocado feridos, mas da luta de libertação, eu acho que não.

## DW África: Houve algum episódio da guerra de libertação que o tenha marcado especialmente?

**PV:** Um [episódio] caricato muito bonito foi que eu uma vez recebi uma encomenda de Espanha, umas canas de bambu pequenas, porque na aldeia onde vivia o meu irmão fazem muita mobília de bambu importado. E ele queria vir aqui ver se havia. E eu falei que aqui, onde eu estava, não havia bambu. E eles pensavam que eu não sabia o que era bambu. E enviaram-me numa caixinha uns pedacinhos de bambu. E aí chamou-me a PIDE em Changara, nos correios, para eu dizer o que era isso. "Isto é bambu." "Parte para saber se é bambu ou não. Vamos partir isto para saber o que tem dentro." "Podem partir, mas isso é bambu". Então, é caricato desconfiar de umas canas pequenitas. Não sei se havia algum segredo, mas era bambu tapado. É uma coisa caricata.

### MAIS SOBRE ESTE ASSUNTO

» "Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwitú

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles, treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique. (08.04.2014)

» "Não há nada que apareça sem sacrifício", diz Francisco Gimo

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes Militares e Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos. (08.04.2014)

» "A liberdade faz-se com o coração", diz Óscar Monteiro

Monteiro estudou Direito em Portugal e agiu pela FRELIMO na clandestinidade. Representou o movimento na Argélia, participou nas negociações dos Acordos de Lusaka e integrou o Governo de transição em Moçambique. (08.04.2014)

### AUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

Ouça a entrevista a Vicente Berenguer Llopis 

Vídeo da entrevista a Vicente Berenguer Llopis (Flash) 

Vídeo da entrevista a Vicente Berenguer Llopis (MP4) 

Data 24.03.2015

Autoria Marta Barroso

Palavras-chave 40 anos; Revolução dos Cravos; Moçambique; independência; Vicente Berenguer Llopis

Compartilhar  Enviar  Facebook  Twitter  google+  Mais

Feedback : Comentário

Imprimir  Imprimir a página

Link permanente <http://dw.de/p/1BdvG>

### MAIS DA MESMA EDITORIA



"Não foi só o homem que libertou Moçambique", diz Geraldina Mwitú 16.02.2015

Geraldina Mwitú combateu ao lado de homens durante a luta armada no seu país. Recebeu, tal como eles,



"Eu não tenho a minha versão da morte de Mondlane, mas a versão", diz Sérgio Vieira 25.06.2014

Responsável por elaborar um



"Não há nada que apareça sem sacrifício", diz Francisco Gimo 25.06.2014

Joaquim Francisco Gimo é diretor do Conselho Fiscal da ADEMIMO, a Associação de Deficientes

treino político e militar e viveu nas bases da FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique.

relatório sobre as circunstâncias da morte de Eduardo Mondlane, Sérgio Vieira diz ter a versão do assassinato, em 1969, do então presidente da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO.

Militares e Paramilitares de Moçambique. Gimo lutou pela independência do seu país e na guerra civil que a seguir durou 16 anos.

